

RACISMO

credos e cultos de raça,
gene e seus mitos
nacionais e religiosos

Marcus Brancaglione

Racismo: credos e cultos de raça, gene e seus mitos nacionais e religiosos.

MARCUS BRANCAGLIONE

© 2020 Marcus Brancaglione.
Este trabalho e todo seu conteúdo está licenciado sob a
Licença  RobinRight.
Para ver uma cópia desta licença,
visite <http://recivitas.org/robinright.org/>

Autor: Marcus Brancaglione

Edição final e organização: Bruna Augusto
Capa: Bruna Augusto

SUMÁRIO

Do estado de negação da realidade sua produção e exploração	9
Ovelhas elétricas	9
Porque as Igrejas apoiam os líderes políticos messiânicos? E o	
Estado a cultura do messianismo?	39
Terraplanistas.....	39
Racismo: credos e cultos de raça, gene e seus mitos nacionais e	
religiosos.	66
Dos povos escolhidos as nações predestinadas.....	66
Conclusão.....	122
Porque as Igrejas apoiam os líderes políticos messiânicos? E o	
Estado a cultura do messianismo?	122

Aos meus filhos

**ANDROIDES
SONHAM COM
OVELHAS
ELÉTRICAS?**

Do estado de negação da realidade sua produção e exploração

Ovelhas elétricas

9

Dito isto. Vamos falar então não do retorno reacionário aos velhos paradigmas autoritários, mas do progresso revolucionário absolutamente urgente em direção criativa a inovação e libertação.

Feito a apologia ao racionalismo iluminismo e humanismo, e no progresso liberal, social e cultural que ele permitiu a humanidade senão como um todo aos privilegiados. Vamos falar agora, justamente disso, de onde foi que ele falhou e fracassou, de modo a estarmos novamente gente a espera da concretização da profecia do bezerro vermelho em Israel, ou do homem do cavalo branco no Brasil, para o retorno dos seus messias entre um seriado e outro do Netflix que ninguém é de ferro.

Para tanto permitam-me corrigir primeiro os exageros. Ao contrário do que se acredita o período das Trevas não foi um período tão completa pobreza e paralização da cultura ocidental, artes, ciências e filosofia. Mas sim de monopólio e centralização absurda e extrema onde uma elite religiosa e nobreza de bem nascidos restrita tiveram acesso a toda riqueza material e imaterial que era produzida. Ou seja, de centralização e consequentemente desigualdade impares, de modo enquanto populações perdiam até mesmo a posse dos meios e condições materiais e imateriais para produzir o pão, em monastérios e universidades outros ainda encontravam tempo e meios para fazer suas investigações e reflexões filosóficas, não sem censura e perseguição e punição, mas ao menos conseguiam.

Evidente que também essas elites foram afetadas pela pobreza e ignorância com a qual sustentavam suas posses e poderes, e portanto toda a riqueza e poder mesmo sendo relativamente gigantesco em comparação as massas

plebeias de servos e fieis miseráveis, ainda sim com bem menos riqueza e conforto (fora saúde e higiene) em relação ao cidadão de classe média de muitos países modernos, ao menos dos mais desenvolvidos. Em suma, viviam mais ou menos, guardadas as diferenças, como vivem as pessoas cultas, ricas e poderosas de países pobres em desenvolvimento, encasteladas em seus domínios e condomínios, sentindo-se cercadas por pobres, ignorante, fanáticos e marginais que desprezam ainda mais que a pobreza, ignorância ou fanatismo e a marginalização, mas do qual não podem se livrar, nem da deles nem da sua, nem é claro deles, não porque são gente como eles, porque isso é algo um tanto ainda quanto relativo na cabeça deles, mas porque mesmo querendo ainda não podem, não enquanto não tiverem maquinário que substitua esses recursos humanos, porque é desses recursos (e sua condição) que tiram seu sustento do seu status quo e modo de vida. Claro que há aqueles que vão morrer jurando que o trabalho por trás das suas mesas materialização como um

passo de mágica o frango embalado dentro das suas cestas nos supermercados. Mas isso, só prova que a cabeça e o corpo embora morram juntos, nunca morrem ou percebem que já estão mortos ao mesmo tempo, se é que percebem isso.

12

O que me leva ao devaneio sobre se ou quando as cabeça do sistema feudal caíram na real. Será que depois do fracasso retumbante das cruzadas e guerras santas, tentando dar sobrevida a um sistema já completamente esgotado pela pilhagem e guerras internas, com a ampliação das terras e pilhagem para além das suas fronteiras. quando descobriu que não tinha os meios econômicos, comerciais, monetários, financeiros e administrativos para sustentar nenhum império que não fosse o pobre o primitivo reinado da pobreza, ignorância e exploração sobre sua própria população servil. Quando essa nobreza e aristocracia percebeu que se não parasse de cagar onde comia, estaria fatalmente condenada a morrer

como condenava sua plebe marginalizada a viver: suja, pestilenta e analfabeta e assassinada.

13

Talvez você esteja se perguntando como eles poderiam não ter visto que isso estava acontecendo naquele tempo.

Quando a verdadeira pergunta é como nós não conseguimos ver o que está acontecendo agora mesmo.

Costuma-se associar o renascimento e iluminismo a grandes gênios, quando parece que não é preciso de tanta luz nem lucidez mas apenas não ser um completo cego para enxergar tamanha obviedade. Mas é por isso que o período não se chama períodos dos cegos, embora não os faltasse, como hoje, mas períodos das trevas, pois não bastava ser capaz de enxergar, mas conseguir enxergar com quase nenhuma luz disponível para quase ninguém.

Assim, a pergunta poderia voltar para nós: quando nos daremos conta que a grande revolução político-econômica entre o feudalismo e capitalismo, não passou do ponto de

vista socioambiental de uma mudança e extensão e dimensão das mesmas práticas, e não propriamente uma mudança de relação entre os homens, e dos homens com o mundo. Basicamente ninguém parou de pilhar e cagar na cabeça uns dos outros nem no mundo, a grande revolução capitalista está no desenvolvimento de técnicas para poder pilhar e cagar com conforto e segurança o mais longe de casa possível. A diferença entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos, o fator determinante Da Riqueza das Nações. Enquanto uns ainda pilham e cagam onde comem, outros não só pilham e escravizam bem longe de casa, mas mandam seus dejetos domésticos para as mesmas latrinas e senzalas do mundo. Algo que qualquer quadrilha sabe, não se rouba nem emporcalha seu próprio território, mas o alheio. Uma mentalidade insustentável próxima do esgotamento junto com o próprio meio ambiente e recursos naturais e humanos, já faltam novos mundos para pilhar mas gente e povo disposto a aceitar bovinamente ser a latrina e senzala do resto do mundo.

Ora, é preciso ganhar tempo, e se não é possível, abrir novos mundos, não enquanto não enquanto o velho sistema não tiver os meios para colonizar o espaço sideral. Só uma alternativa, aberta o cabresto dos abestados, investir na condição bovina da população até que uma solução final, seja ela de abate ou imigração se torne economicamente e tecnicamente viável.

E eis que a simbiose de Estado como administração política e cultural dos interesses e a religião como doutrinação e condicionamento epistemológica milenar e profunda para a efetivação de tal processo de anestesia e pacificação das bestas de carga e carne de abate volta a carga em doses cavalares, com líderes e cultos religiosos e políticos fundamentalistas e totalitários prontos a se abraçar fraternalmente para garantir que as bases da seus sistema e esquemas de pirâmide sobrevivam. Tiranos e Charlatões juntos e misturados para garantir seus ministérios.

Viver em negação é básico. E negar a negação, projetando ao outro é mais básico ainda.

16

É aquela história, eu não tenho coragem de matar um pobre e indefeso bichinho, nem estômago para estripa-lo e esquarteja-lo, mas se ele for gostoso que se dane, me manda que eu como. E nisto mesmo quando digo “eu” parece ainda sim que estou falando de um “outro”, e não de mim mesmo- já que também não sou vegetariano.

Pois é. Viver em negação da realidade como uma alteralidade é básico. Mas já passamos desse estagio. E aqui não falo como “eu” ou “eles”, mas como nós porque a loucura pode ser do outro mas o realidade é todos. A sociedade ou mais precisamente sua mentalidade entrou numa nova fase, na qual excluir e renegar já não basta para sustentar seu universo de preconceitos, fantasias e dogmas ideológicos- e claro relações de poder e privilégios derivados a quem interessar possa, agora deles é preciso

eliminar o contraditório. Entramos numa fase onde a intolerância evolui para a desintegração. Na qual mesmo os mais tolerantes, querendo ou não, em breve se verão obrigados a encarar ou fugir da dura realidade, se puderem. Ou melhor, obrigados a lidar com a loucura alheia impostas como sua realidade tão absurda e concreta quanto pode ser tudo que é imposto via a força de fato, incluso os delírios histéricos mais insanos. No entanto para lidar com essa realidade, é preciso sair do estado de negação de essa loucura é normal. Nunca foi antes só por que conseguimos suportá-la. Nem é agora que não teremos condições de conviver com ela.

Dizem que hábitos e costumes se adquirem, mas não eles se desenvolvem. E se desenvolvem ou por uso e exercício das capacidades, ou pela perdas. O ser humano é capaz de se adaptar as mais tristes, miseráveis e absurdos condições de vida. E essa capacidade que nos ajuda a sobreviver e suportar o que seria insuportável, é também fatal quando

nos leva a armadilha de nos acostumar com o que fatalmente será nosso fim. A pessoa que vive ou trabalha nos esgoto vai perdendo a capacidade de sentir o seu fedor, até perder toda sua sensibilidade, ou seja, vai se habituando até o hábito se tornar um costume. Porém não o habito e costume de exercer seu potencial como vontade de transformação da sua vida, mas o habito e costume justamente oposto o de conformação com a impotência perante a sua condição de vida. E é assim considerando cada dia mais normal o que é cada dia um pouco mais absurdo só por que cada vez mais banal que vamos nos se acostumando e conformando com perdas e condições, privações e agressões que não devemos podemos nos jamais permitir ninguém impor nem supor que ninguém tenha a obrigação de suportar.

Viver em negação é o segredo da felicidade. Ao menos a felicidade de quem vive como hiena comendo merda e rindo. Porém foi-se o tempo que eramos capazes de engolir

o fantástico show da vida como se fosse realidade sem ao menos nos perguntar: mas será que isso não é um monte de merda !@ Foi-se o tempo, que bastava não saber como e do que as coisas eram feitas para engoli-las. Continuamos a engolir, mas já precisamos mais do que mera embalagens bonitas para conseguir ajudar os vendedores de ilusão a enganar nossos cérebros. Hoje para ajudá-los a nos ajudar a manter nossa confortável ilusão precisamos muito mais do que o autoengano, ficção e ilusão, precisamos de anestesia, alucinação e fantasia não como entretenimento crível e verossível, mas fantasia como realidade virtual e artificial substituta da pessoal completamente apodrecida e insuportável. Com drogas ou sem drogas precisamos viver como drogados, porque nóias e viciados em ser felizes completamente narcotizados e dependentes do viver de fantasiar uma realidade explicitamente insuportável e insustentável, isso já o somos. E como todo viciado estamos sempre atrás de um dose maior para produzir o

mesmo efeito, já que, como disse, o cérebro se conforma e acostuma.

20

Como cocainados pessoas saem verdadeira comovidas ou excitados ao assistir após uma dose do seu imagético de projeção de uma outra realidade, saem alegres, tristes e revoltadas do seu mundo dos espetáculos, as vezes até chorando sinceramente com a triste história dos pobres negros e índios pelos colonos norte-americanos, ou pelos sofrimentos e angustias e misérias do protagonista, se solidarizando como o personagem, mas incapazes não só de se sentir o mesmo pelo mendigo negro e índio que jaz na sua porta, mas incapazes de se solidarizar consigo mesmo, ou as vezes sequer notar a sua própria condição sofrível, miserável e angustiante- não sem o intermédio da midia. Não sem a droga. O viciado pode perder a família ou ganhar na loteria, e mesmo assim só consegue sentir felicidade se drogando ou drogado, não importa qual seja o processo que efetue esse mecanismo de dependência

cerebral se químico ou psicológico o resultado é o mesmo. Euforia no pico, apatia angustia e depressão na normalidade e novamente a nóia crises de abstinência. O pior é que na era do broadcast yourself, onde todos são os protagonistas do espetáculo de si mesmo, o personagem fictícia não é mais um personagem, uma imagem projetada pelo outro, mas pelo próprio, onde os sentimentos não alienados não estão senão a projeção não só narcisista da imagem do seu eu virtual, mas pior da projeção da bolha de aprovação virtual dos olhos e opiniões alheias.

É...foi-se o tempo em que os olhos não vem o coração não sente. Hoje os que os olhos veem o coração ainda não sente. E mesmo o que a cabeça a sabe como verdade e até mesmo o coração sente como verdadeiro, não consegue se impor como vontade sobre o desejo e medos. Já não importa que seja falso, já não importa nem que por trás das boas e aparências e sensações há podridão e monstruosidade; não importa o que nos espera, nem de

quê e como as coisas são feitas, precisamos de uma outra dose e não importa quem perdemos ou foi sacrificado ontem, ou quem mais será amanhã. Nada importa senão nossa dose instantânea de felicidade presente feita de um passado romantizado e falsa esperança de futuro, mas sobretudo da aprovação fugaz e instantânea da nossa casca cada dia mais vazia e sem sentido.

Na vida contemporânea o sentido da vida foi reduzido a um mero estado fisiológico, o de bem estar e estar bem. Não importa se as coisas o quão mal andam as coisas, o quão mal se esteja, os mecanismos de recompensa e punição introjetados na mente humana do homo civilizado se resume a uma busca desesperada e viciada pela busca constante da felicidade, como se esse estado fosse o estado ideal de realização plena do sentido da vida de pessoa adulta. Uma busca onde o ser feliz, se resume a sentir e parecer feliz a luz do julgamento alheio, não importa o quão falsa seja essa projeção ou sensação. Entre a nossa

percepção e a percepção, entre a relatividade das percepções e a subjetividade das noções, a humanidade perdeu na contemporaneidade a sensação e noção natural e instintiva da sua próprioconcepção, autodeterminação e com ela não só a soberania sobre sua livre vontade, mas sobre seu juízo, fé e razão. Perdeu a capacidade não só de pensar sozinho sem intermediários, mas de sentir, gozar e sofrer sem plateia, direção, roteiro, premiação, maquiagem e curso de atuação.

Naturalmente como qualquer ser dotado de sensibilidade os seres humanos buscam evitar a dor e buscam o prazer, como qualquer ser dotados de memória e raciocínio buscam evitar situações que lhe tragam sofrimento ou coloquem em risco seus prazeres e felicidades. Mas a busca por esse estado, faz tempo que deixou de ser uma resposta instintiva, para se tornar o comportamento devidamente condicionado de manadas de aliados dispostos a viver em completa alienação, letargia ou mesmo alucinação, para

manter seu cérebro viciado abastecido da sua droga que substitui o falta de sentido existencial da suas vidas: felicidade.

24

Não importa, se tudo e todos que você ama estão mortos ou vão morrer; Se sua vida é um fracasso, ou jamais se realiza ou terá a mínima chance de. O que se busca desesperadamente não é a transformação da realidade, mas a fugir desse sofrimento. Como se viver o luto, a amargura, a revolta, o sofrimento, a dor e a raiva fossem o mal do seu ser e estar, e não a condição da real da sua vida. Como se o sofrimento fosse o doença e não o sintoma, ou mesmo a reação natural e necessária. Anestesiados e viciados em nossas bolhas e doses de felicidade artificial, vamos nos tornando cada dia mais incapazes não só de sentir a infelicidade e sofrimento alheio, mas incapazes de sentir e perceber o sofrimento e infelicidade da nossa própria condição. E como poderíamos se tudo o que nosso cérebro drogado e viciado consegue pensar é: onde posso

arrumar outra dose de felicidade? Ou pelo menos outra dose de qualquer anestésico diminuía um pouco a dor da realidade e me faça esquecer um pouco onde estou e quem sou e não sou, outra dose de fantasia como felicidade, ou já só droga mesmo como dose de felicidade e fantasia.

A descoberta de que o mundo que não só imaginamos, mas vemos e sentimos e concebemos, não é nem precisa ser exatamente 100 por cento a correspondência do real, é bem antiga. Tão antiga quanto a loucura. Desconectar-se da realidade como forma de suportar a dor ou encontrar o prazer, viver seus sonhos ou lidar com os problemas, é uma resposta natural, e por vezes, até estrategicamente saudável para a mente recompor-se e reencontrar as forças que carece para enfrentar a dura realidade. E avançamos bastante no conhecimento desses processos, tanto no plano social e psicológico quanto químico e neurológico. De modo que hoje não só é perfeitamente possível viver de forma socialmente aceitável, politicamente passivo, e ser

economicamente produtiva nesse estado, como é possível fazer desse estado a condição de funcionamento normal e produtiva do ambiente social, econômico e político. Seja na criação de gado de abate, seja na de empregados socialmente aptos, as técnicas e tecnologias de lido com as manadas avançaram, e tão importante para quanto manter um cercado é manter a carne das massas sempre calma e macia. E claro senão absolutamente feliz, ao menos passiva, impotente e conformada, mesmo que para tanto seja necessário o emprego da estratégia o oposta, o da ameaça da suspensão da droga e perda da fantasia.

Esse estado mental se manifesta em todos os campos ideológicos e classes sociais. Por exemplo. Nada mais sintomático que as críticas a legitimidade de uma pleito eleitoral e seus futuros resultados feitas por ambos os lados.

A direita questiona a segurança e fidedignidade das urnas eletrônicas. E questiona por qual razão! Porque o eleitor não pode ter um comprovante do seu voto que possa servir de prova e conferência do resultado em caso de contestação?

A esquerda questiona porque não permitir que os eleitores dos grotões que tiveram seu direito de votar cancelado por não comparecerem ao cadastramento biométrico não possam votar em urnas não-eletrônicas?

Quando não só a resposta para ambas as questões eliminada a crítica e cegueira seletiva a mesma, mas a questão como um todo é irrelevante, dado que a raiz do problema é mesmo. E não está restrita a tecnologia nem na tecno-burocracia que dominam a polêmica e o debate. Mas na realidade como um todo que prefere negar para se ater esquizofrenicamente aos detalhes.

Sim as urnas eletrônicas, o cadastramento eleitoral, e até mesmo as eleições são apenas um mero detalhe ou se preferir sintomas ou consequências do problemas e não a sua causa. Mas já que somos impotentes para salvar a vida do paciente a república, então nos contentamos em escolher com qual caixão e terno vamos enterrá-lo. As pessoas estão discutindo a legitimidade das técnicas e tecnologias quando se esquecem que de nada adianta o provimento das melhores práticas e sistemas quando eles estão nas mãos e a serviço de quem sabidamente não poderia nem deveria estar? De que adianta discutir a honestidade e bom funcionamento dos botões que se aperta quando todos sabem, é publico e notório, que quem aperta esses botões não é nem honesto, nem está se lixando para o bom ou mal funcionamento do sistema, desde que ele esteja na cadeira e continue apertando os botões como bem quiser e como melhor o interessar? Prova de que todos sabem do quê e quem estou falando, não só como pessoa mas como função, é que não preciso sequer citar

nomes ou cargos. É triste e patético, estamos a discutir sobre a legitimidade dos exames, quando eles serão entregues a falsos médicos, ou pior médicos de verdade mas que fazem parte de uma gangue especializada no trafico de órgãos humanos.

A esquerda minimamente honesta e não alucinada sabe que a denuncia contra a manipulação e falsificação dos resultados no sistema eleitoral não é de ontem, remonta a eleição de Brizola no Rio de Janeiro de 82. Assim como a direita também minimamente sã, sabe que os processos de controle biométrico servem a composição de bancos de dados a serviço de estados totalitários de vigilância e patrulhamento politico e policial do cidadão sejam eles de inspiração fascista ou comunista. Isso sem falar em material que será vazado corruptamente para corporações amigas em troca de propina.

As eleições funcionam como a copa do Mundo e Carnaval, as pessoas dão um reset no cérebro e parecem de nascerem ontem, só para acordar de ressaca, e se perguntarem no dia seguinte onde é que eu estava com a cabeça quando fiz isso?

30

O sociólogo, filósofo e estadista Tiririca dizia que “pior que está não fica”. Mas fenômenos contemporâneos periódico como as eleições, ou isolados como por exemplo a dita epidemia da Tarantela na idade média provam que não. A tarantela que dá nome a dança tradicional italiana e que deriva da palavra tarântula descreve um “curioso” fenômeno na idade media, onde as pessoas começam a dançar freneticamente sem parar em grupos que iam atraindo mais e mais pessoas que não conseguiam resistir e que não paravam até caírem exaustas ou literalmente mortas de exaustão. Acreditava-se que tal comportamento era porque as pessoas tivessem sido picadas por tarântulas daí, o nome Tarantela. Mas evidente que não, a culpa não

era das aranhas. Não era por causa do veneno delas ou de nenhum outro animal que as pessoas passaram a comportar como manadas de insanos, nem na idade média nem no passado mais recente ou agora no presente. Os gatilhos e a vulnerabilidades fisiológicas e psicológicas que dispararam esses comportamentos sociopatológicos epidêmicos são outros e tem outras causas.

Seria curioso se não fosse triste e trágico, assistir como as pessoas em geral são e estão vulneráveis, a serem cooptadas em massas para transes catárticos teráticos, verdadeiras danças da morte, onde a sensação de morrer em grupo é menos desoladora de que uma vida em solidão e isolamento imersa no vazio “do veja como sou feliz!” das multidões.

Felizes dos feios, solitários e inconvenientes porque deles é o reino do saber viver sem a carência da aceitação do alheio, e aprovação do alienador. As pessoas acham que o

mal está na tecnologia da hiperconectividade, não meus amigos. O Facebosta, jamais funcionaria e prevaleceria, se não vivemos numa sociedade de hiperconectividade e necessidade de hiperatenção. Onde estar completamente sozinho com seus próprios pensamentos e sentimentos é mais assustador do que enfrentar esquadras e patrulhas de neofascistas ou neobolcheviques. Chamar responsabilidades e tomar o destino nas próprias mãos é muito mais apavorante do que entregá-lo ele aos piores déspotas e tiranos.

Mesmo diante de um evidente e gritante beco sem saída, preferimos afundar-nos em nossas narrativas fantásticas de realidade. Sabemos que as alternativas que se impõem como alternativas, não são alternativas a coisa nenhuma. Sabemos que a próprio processo de escolha e tomada de decisão coletiva não é representa nenhuma escolha, nem decisão verdadeira e que no final dessa seleção e eleição, o que quer que resulte dela, não

representará a vontade nem terá o apoio verdadeiro de não mais que 1 ou 2, sendo otimista 3 entre 10 brasileiros, e que o restante apenas terá feito uma não-escolha, uma não-eleição, de outra parte. Sendo que 1, 2 e sendo pessimista até mesmo 3 entre brasileiros continuarão dispostos a tirar por todos os meios quem ele não conseguiu deseleger.

O processo da manipulação eleitoral da democrática representativa que empurrava todos para escolher entre falsas opções iguais de modo a manter o sistema, degenerou e como uma câncer anti-sistema está comendo o sistema e empurrando agora as pessoas a eleger entre duas opções

Quem vive da imbecilidade morre pela imbecilização. De modo que os já limítrofes idiocratas também se desconectaram completamente da realidade e em sua prepotência cometeram o mesmo erro da plutocracia norte-americana. Acreditaram que ao eliminar tempo de

TV, que ao trancafiar lideranças mafiosas, ou expor as tendências fascistas iriam literalmente arrebanhar a aterrorizada população de volta para o seu cercado do status quo de centro da moralidade e moderação. Mas que moralidade? Que moderação? O centro de poder não só se desintegrou ele derreteu. E só ele não percebeu, graças ao nível de tara, fantasia e descolamento da realidade que só o encastelamento palaciano e poder sem freios (nem imputabilidade) é capaz de prover. O status quo não percebeu que entre o truculência fascista dos Bolsonarianos e o bolchevismo mafioso dos Lulopetismo, o asco pelas hipocrisia das personas e intuições desse poder constituído era ainda maior, mesmo com todas os dados da dimensão da rejeição ao espantalho que foi escolhido para representar seu interesses: Temer.

Será que é preciso fazer um desenho, para que para uma parcela significativa da população, embora uma esteja a esquerda e outra direita, o pior dos seus males é melhor do

que está aí, e que cada qual só não se une porque considera a outra polo ideológico como parte desse sistema que abominam? É possível que pragmaticamente dançando sua tarantela as pessoas aceitam novamente as velhas alianças como a podridão, tanto a esquerda quanto a direita. Mas quando a festa da democracia passar e a ressaca vier, quando o novo governo, não puder cumprir o que prometeu, seja porque é impossível, seja porque teve que vender o rabo para chegar lá, teremos novamente uma país em uma crise ainda maior, com uma população que odeia quem está no poder, e outra mais uma vez traída por quem chegou.

Sei que as pessoas estão enebriadas pelas eleições e que eu estou estragando a festa. Mas tanto faz infelizmente já selamos nosso destino cagamos de novo onde comemos e agora comemos chorando, amanhã novamente rindo e celebrando e arrotando caviar. A sociedade não vai se dividir ela já foi dividida. De modo que a pergunta não é

quem mantê-la unida, mas se seremos capazes de reintegrá-la ou se mais uma vez ela será costurada de novo a força e tocada como uma rebanho.

36

Porque não importa quem vença com ou sem apelação, não vai ter bases para governar, mas no máximo para se segurar no poder, comprando apoio e reprimindo e espoliando a população. Todas as outras alternativas estão fora da mesa, não só porque estão fora do esquema institucional, mas da concepção de mundo possível das pessoas dentro da abrangência desse sistema que antes de um domus político-econômico e domínio sociocultural é uma matriz psico-epistemológica que se replica como relações de poder e produção baseadas na violação e condicionamento do desenvolvimento cognitivo e emocional antesdetudo como privação de posses de meios e recursos vitais e ambiental tanto os comuns quanto os absultamente privados e pessoais.

Eis um exemplo atualíssimos de como a separação de credos e razão não só é impossível, ela não existe como fenômeno. Mas que não só a separação e discernimentos dos juízos políticos, religiosos e científicos não só pode mas precisa ser feita, e se isso implica logicamente e necessariamente como prática na devida separação dessas instituições, não diz nada a respeito a da manutenção delas como são e estão, ou mesmo na necessária perpetuação das mesmas como única realidade ou os únicos campos e esferas do possível nem como saber, fazer nem muito menos viver.

Igrejinhas politicas, politicagem religiosa, intrigas palacianas ou episcopais, são modelos, projetos que não possuem só uma mesma arquitetura, mas uma mesma lógica. Não ideal, mas psíquica e modelar não só a visão, a percepção sensível de mundo, mas a episteme, a capacidade ver, de distinguir, entender, dar sentido e significado as abstrações concretudes e operações mentais

e fenômenos que compõe o mundo, a sua imagem de semelhança ou dissemelhança como signos e representações do imagético como real. A arte milenar de comprar tudo que é naturalmente real vendendo sonhos e pesadelos como realidade artificial.

Porque as Igrejas apoiam os líderes políticos messiânicos? E o Estado a cultura do messianismo?

39

Terraplanistas

Se você leitor como eu em princípio pensou que a resposta a essa pergunta é um tanto quanto óbvia. E que estarei aqui só chovendo no molhado. Quero alertar que não. Não só as razões do fracasso não são tão óbvias para todo mundo, como cada vez menos sequer acredita que a mistura de política com religião seja um problema, ou um perigo, mas até mesmo uma solução. De modo que aquilo que consideramos ao fracasso ou retrocesso civilizacional, outros enxergam um verdadeiro sucesso e reavivamento da sua visão de mundo.

E não estou falando de terraplanistas com argumentos que hoje, ou melhor até ontem, até uma criança com um mínimo de escolaridade conseguiria refutar. Mas sim de acadêmicos e eruditos que resolveram colocar seus títulos e ilustração mais uma vez a serviço da produção de pseudociência. Agora em campos do saber que embora complexos que as ciências físicas, matemáticas e justamente por isso mesmo ainda estão desprovidos da exatidão das mesmas, se constituem em campo fértil não só para o charlatanismo prosperar, mas ter boas chances de voltar a imperar.

Pois é, hoje em dia é um pouco mais fazer uma crítica construtiva a separação do Estado e Igreja, porque a defesa da sua desconstrução ganha força. Estamos em todos os planos e esferas do saber e forma de viver, vivendo no literalmente no dilema entre a cruz e a espada. Embora eu prefira a outra metáfora: se correr o bicho pega, se ficar o bicho, e agora se se esconder o bicho acha. Em são

consciência, não podemos fechar os olhos e fingir que tudo está bem, e que as coisas como estão vão poder continuar ou vão se resolver sozinhas. Por outro lado, sempre a espreita como predadores estão os reacionários, sempre pronto a impor suas fantasias e castelos de príncipes e princesas da Disney, nem que para isso tenham que voltar a decorar árvores com “outro tipo” de gente enforcada e queimar “bruxas” e “marranos” em praça pública- ou em guetos e campos de concentração mesmo. Para uns seria uma “mal necessário” para o seu bem maior, mas até um prazer.

De modo que a luta pelo verdadeiro progresso é sempre em duas frentes uma contra um status quo que insiste em se perpetuar a todo custo, e outra contra os reacionários que insistem a retomar o poder a qualquer custo, não importa quem, o quanto tenha que sacrificar em holocausto para ficar chegar ou voltar ao poder. Mais do que isso tais forças embora em competição operam como aliadas quando o

esforço em conter qualquer levante ou avanço que inviabilize suas posições e ambições.

Com a separação de Estado e Igreja não é diferente.

42

Mesmo entre os mais fervorosos crentes ou ateus mais convictos. Mesmo entre os patriotas mais fanáticos ou anarquistas que não se contentam com menos que o fim do Estado e Igreja, era um ponto pacífico, não misturar política e religião. É mais ou menos como se beber não dirija, seja você fã de automóveis ou bicicletas, ninguém discorda que se um vez no volante que ao menos se esteja são e sóbrio. Não é preciso nem dizer porque, ao menos não para quem não sofre de demência amnésia ou lobotomia histórica. Foram tantas as desgraças provocadas por essa mistura perigosa e inflamável que ninguém precisa se justificar porque essa nunca foi uma boa ideia, nem muito menos uma boa prática.

Entretanto eis que ressurgem seus defensores. E com argumentos equivalentes ao do bebum que virou até piada, sempre fui estou bêbado, e por isso dirijo melhor sob o efeito de álcool do que sóbrio. Bem seria engraçado se não fosse trágico. Até quem sabe que a igreja é o opio do povo e fez da sua ideologia política uma espécie de religião, sabe como o traficante que não é um idiota narcodependente que não se deve cheirar o produto que trafica.

Logo, mesmo entre as pessoas menos lúcidas e esclarecidas, mas com um mínimo de escolaridade, parecia um tanto quanto razoável pressupor que a ideia de separação entre Estado e Igreja estava suficiente claro e historicamente firmada como um ponto pacífico desde pelo menos o fim da idade média. E exageros e ufanismos racionalistas a parte, o renascimento, e iluminismo não leva esse nome de alegre. Já que o renascimento da artes e ciências no chamado período das luzes, não ganhou esse

nome de graça, assim como a idade média não foi chamada por acaso de período das trevas.

44

Só que não. Ao que parece tem mesmo gente disposta mesmo a recorrendo a argumentos um pouco mais ilustrados e sofisticados para convencer todo mundo que não importa se a terra se é plana ou não, para todos os efeitos ela deveria voltar a ser assim considerada em vários aspectos. Selecionei um paragrafo chave de um artigo que considero um exemplo bastante ilustrativo desse esforço.

Porém antes de apresentá-los faço questão de ressaltar o que é a ponta de um iceberg, apenas uma entre muitas frentes, dentro desse cavalo de pau na estratégia de domínio e domesticação das população diante de um nova revolução nos sistemas de produção e reprodução incluso da comunicação que se tornou um obstáculo a ser contornado enquanto não puder ser completamente tomado. Ou seja, esse é um exemplo dessa nova estratégia

de cooptação, que na impossibilidade de controlar o meios de transmissão da informação, volta seus os esforços novamente para outra ponta, controlar a interpretação e o processamento dos receptores da informação. Ou em bom português, já que não podem mais monopolizar os meios de comunicação o negócio agora é investir na radicalização da doutrinação e imbecilização dos consumidores de informação seja na produção do conhecimento, seja na sua divulgação. Segue:

(...) A ideia de que possamos separar a religião da política é “impossível”, argumenta ele. “A fé e a crença estão de volta de uma forma que não teríamos conseguido prever, pelo menos em um mundo ocidental que atravessa um período secular”.

Há cerca de meio século, muita gente supunha que a religião seria relegada à esfera privada, aponta o historiador. “Agora, quando olhamos ao redor, por todos

os lados vemos cada vez mais povos se definindo como comunidades religiosas em vez de comunidades políticas.”

46

Ele cita como exemplo a Rússia, onde o presidente Vladimir Putin tem se aproximado da Igreja Ortodoxa Cristã e estimulado seu crescimento, como parte da identidade russa. Tanto que a catedral Cristo Salvador, em Moscou, que chegou a ser dinamitada sob ordens de Stálin em 1931, foi completamente reconstruída nos anos 2000.

“A religião é um dos grandes construtores da identidade coletiva”, opina MacGregor, porque cria uma narrativa para os povos.

Vladimir Putin durante celebração na catedral ortodoxa de Moscou; presidente russo tenta fortalecer a religião na identidade do país (...)

O historiador também aborda países seculares como a França — onde, desde a Revolução Francesa, impera a narrativa do “conceito de nação como religião”, segundo MacGregor.

47

*Mas talvez essa seja a razão pela qual a França tenha dificuldade em acomodar grupos religiosos que não se definem primordialmente por essa narrativa, mas sim por outras de comunidade e continuidade. (...) — **Por que escritor britânico diz ser ‘impossível separar religião e política’***

Opa. Devagar com o andar. Eis um típico exemplo de como se pode construir, uma série de conclusões falsas apenas usando um monte meias verdades como proposições, ou seja omitindo da equação os outros elementos relevantes que não interessam ao resultado que seria inconclusivo ou mesmo adverso. Há quem faça isso manipulando as

amostragens, há quem faça isso mais substancialmente, manipulando as conceituações. Vamos lá:

A. “A religião é um dos grandes construtores da identidade coletiva”

48

Credo, mitos, superstições, costumes, ritos, rituais, a fé, o senso comum de sacralidade, os costumes e os cultos a tudo que é considerado místico, sagrado e divino, a própria ideia da divindade, sacralidade e senso de mistério, que antecedem a próprio advento da religião com esse sagrado divino mistério, é a base da construção dos cultos e identidade coletiva cultural, que no entanto não está restrita a culto religioso ou religiosidade ou ao mais precisamente ao que denominamos religião e religiosidade organizada. Em outras palavras nem todo credo ou fé constitui necessariamente uma religião, Mas nenhuma religião ou religiosidade se constitui sem credo nem fé. De modo que a religião é um dos grande construtor da

identidade coletivas, mas o grande construtor da identidade coletiva, inclusive a religiosa, é a fé.

B. A França — onde, desde a Revolução Francesa, impera a narrativa do “conceito de nação como religião”.

Segue o emprego falacioso do conceito de credo e crença como sinônimo de religião e religiosidade. Tal análise poderia é até válida na escatologia materialista de dentro de um culto ao Estado totalitário do tipo soviético, onde de fato a figura do Estado e dos grandes líderes assumem o papel de equivalentes das divindades teocráticas ou monarcas eleitos pelo próprio deus para os representam e governar o povo na terra. Ou mesmo para não sair da França ao culto que ao ser supremo da razão que Robespierri tentou implementar no seu regime do terror. Mas mesmo em seus graus mais elevados de fanatismo a identidade nacional, ou o culto a nação enquanto o mais

fiel e fervoroso e fundamentalista credo patriótico, embora opere como exatamente no processo de fidelização como o faz religião, não consegue efetuar esse processo como credo independente. De modo que mesmo separada o Estado e a ou as Igrejas continuaram a operar em simbiose nas nações que toleravam o credo ou a emular esse credo fazendo das comunidades políticas cada vez mais aparelhos de uma credo e culto de viés religioso de idolatria a símbolos e personalidades, sejam cruces ou bandeiras. Que o diga a múmia de Lênin, se ela falasse.

C. A fé e a crença estão de volta.

A fé a crença não estão de volta. A fé e crença nunca deixaram de habitar o corpo do homem nem da sociedade nem dos perseguidos nem dos perseguidores. Seja como a fé na sua religiosidade, seja como fé na sua racionalidade, seja como a dúvida entre pela escolha entre ambas como se fossem polos opostos, seja como o equilíbrio seja como

ansiedade. O que estava latente e voltou com toda a carga nos últimos tempos, como uma infecção oportunista que se espalha nos campos destruídos por guerra, pobreza, primeiro como doutrina e pregação dogmática fundamentalista e religiosa, e agora novamente como preconceito e disfarçado de pseudociência é supremacismo em todas suas formas e mitos de gene raciais, cultural, nacional e religiosa. O que está de volta pegando onda na crise sistêmica é o culto aos todos poderosos, o poder total ou simplesmente ao poder como totalidade. Tão velho quanto os impérios, monarcas, ditadores, aristocracias, monarquias e teocracias, mas pode chamar pelo neologismo moderno totalitarismo.

D. “Agora, quando olhamos ao redor, por todos os lados vemos cada vez mais povos se definindo como comunidades religiosas em vez de comunidades políticas.”

Não é pior, o que estamos vendo é comunidades religiosos voltado a ambicionar o poder político, e o poder político flertando com a fidelização religiosa para manter seu gado no cercado. Um reforço de velhas aliança jamais completamente entre Estado e Igreja em torno de um objetivo em comum manter seu rebanho e sua tosa na forma de dizimo e tributos garantidos em tempos de vacas magras e rebeldes.

Aliás chamar Estado e Igreja de comunidades política e religiosas é de um eufemismo com aquilo que tem um nome próprio e poder que se não for brincadeira. Colocar o vaticano e a casa branca no mesmo saco de uma pequena comunidade intencional atéia ou religiosa. É colocar a padaria do Zé e a Apple como se pertencessem a uma comunidade, quando sequer pertencem a um mesmo setor, quando mais a essa fictícia comunidade. Nem corporações são sociedades. De modo que grandes corporações empresariais, Estados tem mais pontos em comuns com

Igrejas, que são conglomerados, empresariais, bancários, financeiros e até mesmo ainda Estado Teocráticos Absolutistas como o Vaticano do que com comunidades ou mesmo sociedades de qualquer forma, dimensão ou espécie. Essas pessoas jurídicas tem muito mais denominadores e interesses comuns entre eles do que com as pessoas e suas relações e organizações naturais.

Corporações religiosas ou políticas possuem uma mesma lógica e arquitetura a ordem hierárquica. De modo que é uma comunidade religiosa sem um estrutura política hierárquica não é uma religião organizada

Sem a menor dúvida que as comunidades e sociedades estão mais cosmopolitizadas e não só determinadas, mas que a dispostas a autodeterminação do seu credo e sua fé. Mas é justamente por conta desse progresso na disposição a autodeterminação e politização que em reação contrária, ou contrarreação reacionária se preferir, Estado e Igreja

estão novamente se unindo. Dizer que esse tipo de credo e crença estão de volta, e vão prevalecer é tanto uma leitura da atualidade ou previsão de futuro autorealizada, porque é muito fácil dizer que um determinado credo ou crença prevalece quando sua concretização está baseada justamente na repressão e eliminação dos demais.

É muito fácil ler ou predizer que a tendência dos povos é o retorno a idolatria aos todos poderosos quando a cada primavera dos povos é esmagada com toda potencia, prepotência, superpotência e onipotência de bombas e fuzis e a eterna chantagem terrorista do apocalipse agora na forma dos invernos nucleares. É muito fácil dizer que os velhos ditaduras, os velhos monopólios e monarquias, aristocracias e oligarquias hão de manter ou retornar quando jogando novas gerações inteiras na vala para se perpetuar e prevalecer.

E. a razão pela qual a França tenha dificuldade em acomodar grupos religiosos que não se definem primordialmente por essa narrativa, mas sim por outras de comunidade e continuidade.

55

Outras Quais As que constituíam a identidade e posse de um território pela exclusão e escravidão de outras raças e religiões. Aqui entra a conclusão absurda. Onde se caga na sopa e depois se põe a culpa na água, e não bosta. Pregando que se coma a bosta e se jogue fora a água. Essa é a natureza dessa falácia. O autor chega a conclusão que a intolerância dos Estados-Nações deriva do fato do patriotismo e nacionalismo terem se tornado praticamente a imagem e semelhança de culto religioso à pátria e a identidade nacional. Verdadeiro. Mas daí a conclusão que é impossível separar política e religião, porque a fé sempre esteve presente na formação da coletividade isso é não só completamente falso, isso é dogmático, reacionário e preconceituoso. E preconceituoso contra minha própria fé

e religião libertária, que não só é a prova de é possível, como tal impossibilidade já existe. Inclusive institucionalizada e registrada em cartório- o que diga-se de passagem não é grande coisa, nem significa nada, exceto quem mesmo sendo uma fé libertária não pode ser excluída pelos parâmetros predominantes e excludentes e prepotentes de renegação autoritária do que é fé e religião, não sem contradizer seus próprios critérios.

Há portanto uma falácia autoritária nesse argumento de autoridade. E ela não é pequena. O autor pressupõe- e deponha-se em favor dele assim como os próprio racionalistas- que a fé e o credo sejam objetos exclusivos da pensamento religioso, quando a fé e o credo é a base epistemológicas de todas as formas de pensamento até mesmo os ultrareduzidos ao mero racionalismo ou crentismo. O fanático racionalista não gosta de ver seu pensamento como o fruto do um credo absolutista na razão. Faz parte do seu dogma acreditar que o raciocínio e

a racionalidade se sustentem sem carecer de outra base senão a própria razão, como um Barão de Munchausen a erguer-se puxando-se pelos próprios cabelos. Mas como bem sabe o cientista consciente é impossível colocar em dúvida a pressuposição de que processamento racional das observações empíricas fornece conhecimento correspondentes a realidade dos fenômenos sem com isso colocar em xeque a validade da próprio pensamento racional e científico. Tal possibilidade de aquisição do conhecimento e sua validação carece por parte do praticante do pensamento científico nada menos de que fé, a certeza ou suspensão da dúvida de que aquele caminho da razão seja o verdadeiro. No entanto essa fé na razão, não faz da ciência uma religião, nem muito menos a reduz a um credo. Para tanto é preciso que esse pensamento reproduza os caracteres que caracterizam a credo organizado como religião, a começar pelo culto a autoridade e hierarquia no lugar da comunidade e liberdade de heresia, ou seja questionamento. De fato dentro da própria religiosidade,

há um caminho há uma distancia enorme e substantiva que separa o credo e espiritualidade que busca a ligação ou religião como o sagrado, e a que cultua ou mesmo idolatra como sagrada o poder e ordem piramidal e hierárquica em suas faces singelas ou violentas.

Assim como o cientista não é necessariamente um niilista da religiosidade ou um cultista fanática da razão como uma entidade ou divindade. Também o ateu ou mesmo o agnóstico não é um niilista da espiritualidade desprovido de fé e crença. Nem a convicção de que divindades não existem, ou de que não podem ser conhecidas longe de ser a mera negação da fé alheia é a afirmação da sua fé. O que seja impossível ao menos enquanto ainda se está vivo, ou não se mata é o perfeito niilismo ao menos credo onde a pregação coerente com a prática. Da mesma forma se processa a fé na liberdade e libertação que longe de ser a mera negação do culto e idolatria ao poder absoluto e todos poderosos, é a afirmação na credo na livre vontade e

liberdade como força criativas, criadoras inalienáveis e elementares a todo universo e suas criaturas.

59

De modo que não só é possível separar e sábio separar política de religião, mas é possível conceber e praticar ambas livremente sem precisar cair no vício das relações de poder e sua adoração nem como estado ou doutrina laica nem teocrático.

Seja portanto uma anarquista ou hierarquista o erro dentro do pensamento político ou religioso não está no credo em si, mas na sua pressuposição prepotente a imposição. A fé na liberdade como razão não carece de subsidio autoritário nem de monopólio da violência nem idolatria e obediência cega ao poder. Mas justamente o sentimento e discernimento contrário. A fé é um estado de espírito de fato inseparável da manifestação da força de vontade e expressão da livre vontade como liberdade de credo e consciência, mas as suas formas preestabelecida não são só

desintegráveis como dispensáveis e tão obsoletas quanto presas para um ser que não de livre e espontânea vontade não quer evoluir como um predador. De modo que o argumento que por ter sido assim, não é uma justificativa para que continue assim. A guerra e a violência também estão na gene cultural e histórica da identidade coletiva humana e isso não a justifica nem a legitima os argumentos que pretendem perpetuar sua continuidade.

O Estado como se fosse uma religião que impede a manifestação religiosa, não é senão a imposição de um culto e um credo contra todos os demais. E não mais a tolerância de todos os credos, religiosos ou não, que aceitem conviver em paz com os demais. A base da fundação do estado de paz de direito democrático à liberdade e sua defesa, não composto do culto totalitário nacionalista ou religioso ao poder supremo todo poderoso mundano ou transcendental, mas justamente do princípio associativo de legitima defesa mútua contraposto, o

contrato social das população contra todas as espécies de tirania de indivíduos, bandos ou seitas que desejam ou se arrogam o direito de impor sua vontade e forma de viver como soberana sobre os demais. Que o digam aqueles que migraram para a América não como conquistadores mas como fugitivos da perseguição religiosa e política no velho mundo.

Não é uma questão se a cultural e sociedade é religiosa ou laica. é uma questão de proteção da paz, ou o que é a mesma coisa da proteção a tolerância necessária a convivência. Proteção a tolerância que longe de ser a tolerância com os intolerantes, é a intolerância com os intolerantes. Sociedades livres não são sociedades sem regras, nem muito menos de cagação da liberdade como regra. São sociedades de proteção mútua da forma de viver de cada pessoa e grupo contra toda pessoa e grupo que não admitam que outros vivam de forma diversa a sua. De modo que seja o Estado-Nação seja a religião, qualquer

indivíduo ou coletivo que queira impor-se através do ameaça, coerção ou monopólio da violência estatal ou não, esses indivíduos e grupos não só inimigos entre si, mas perseguidores de todos os traidores e infiéis são a constante ameaça às sociedades de paz e liberdade e o estado formado por sua congregação e confraternização. Os bandidos e tiranos dispostas a violar e violentar inclusive em nome dos seus credos e ordens superiores ditos desse mundo ou além.

Ninguém é obrigado a conviver com ninguém nem pode forçar isso. Mas não pode privar os demais do seu igual direito de sobreviver, enquanto usufruto dos meios e espaços necessários para tanto sob pena de declarar na prática um estado de guerra contra os excluídos. Prover a segurança e subsistência dos meios e espaços públicos e privados para que as pessoas possam viver juntas e separadas se quiserem e quando quiserem livres da coação e coerção, invasão do privado e exclusão do público,

garantir o direito bem e espaço comum como participação e acesso, assim como o bem e espaço privado é a base fundamental para a garantia de liberdades fundamentais que fundam o estado de paz. Fazer tal distinção dos limites de jurisdição sobre a liberdade de consciência, manifestação, identidade e forma de viver de cada pessoa e associação religiosa, política, cultural, é liberdade fundamental, o mínimo denominador comum para que a sociedade se mantenha e com ela o estado de paz.

Claro há o outro método mais primitivo e antigo de manter a paz, o imperial, das ditadura e tiranias, mas como a história ensina ele não passa senão de um o ciclo interminável de entreguerras e revolução a degenerar e decair em novas ditaduras falidas e decrépitas. A mera trégua entre guerras por expansão territorial não raro para sufocar os levante populares em tempos de falência do arcabouço jurídico, socioeconômico e institucional. Por sinal estamos justamente num desses períodos de transição

onde a guerra que antecede a nova ditadura esmaga de forma definitiva mais um levante dos povos. Uma outra perspectiva da história e seu progresso, um pouco mais popular e libertário. E dentro dessa perspectiva é importantíssimo não se deixar e confundir e apropriar a revitalização da espiritualidade e sacralidade e naturalismo como se fosse o retorno reacionário ao cultismos e adoração ao poder como representação absolutista da realidade e espiritualidade.

A fé é manifestação concreta da liberdade de credo e consciência não é produto do advento da religião, assim como a ordem não é produto do culto ao pátrio poder como o sagrado estado e seus bíblias. Crer no oposto, ou o que é a mesma coisa perder a fé na sua própria livre arbítrio, vontade e razão, longe de trazer luz e lucidez, traz as trevas e banalização da loucura como cegueira da própria sensibilidade e razão. De modo que a revolução como salto e progresso não é aquela que destrói o que foi construído e

restitui o velho travestido como se fosse novo, mas o novo que nasce de fato da transcendência das contradições não como síntese dos polos opostos cíclicos e simbióticos a sustentar um ao outro como mera alternância de mais do mesmo, mas como nova ciência e consciência até mesmo da fé.

A fé na capacidade de crer passa longe da credulidade e sua exploração como religião, na verdade caminha no sentido o libertário, como credo e fé. Fé na consciência como manifestação genuína da liberdade de credo, e credo na ciência da liberdade como fenômeno gerador elementar da livre vontade e consciência como a concretização da realidade e seu conhecimento.

Racismo: credos e cultos de raça, gene e seus mitos nacionais e religiosos.

66

Dos povos escolhidos as nações predestinadas

Estado e Religião. A simbiose entre essas indústria do parasitismo das populações carentes é quase tão antiga milenar e conhecida dos libertários quanto a própria a noção de liberdade e libertação, muito antes do renascimento ou a divisão entre idade das trevas e das luzes. Afinal, assim como se fala de renascimento, de iluminação, quando de fala de libertação e não de liberdade, estamos falando de uma função que carece de objeto e função. O que está morto e precisa renascer? O que está em trevas e precisas de luz? O quê, ou melhor, onde e quem está cativo a precisar de libertação? Libertar

quem? E do quê? Quem se diz libertário, e não define qual cativoiro pretende abolir e a quem pretende abolir é tão libertário quanto o cristão que ama o próximo, que felizmente não é suficientemente próximo de ninguém para precisar sair da sua zona de conforto e comodidade.

Será que as ovelhas e vacas que estão no abatedouro também tem um deus, ou sonham com o deus das vacas? Será que o gado no abatedouro também sonha com uma vaca sagrada ou fardada que irá guiá-las para fora dos cercados de volta ao paraíso perdido? Ou será que elas ovelhas e vacas rezam cheias de esperança pelo dia da iluminação ou do juízo final onde aqueles que as algozes que devoram vão se tornar seus protetores e como nos mitos infantis para filhotes de lobos e cordeiros, o lobo e o cordeiros vão viver juntos e em paz? Será que esses animais sonham? Será que esses animais acreditam? Será que esses animais também confiam que a mesma mão que a alimenta e afaga sua cabeça jamais será aquela que

passará a faca em seu pescoço e devorará sua carne? Ou será que após milênios de domesticação, seleção artificial onde os espécimes mais arredios e selvagens foram exterminados, e somente os mais dóceis foram reproduzidos em cativeiro, tal condição se tornou sinônimo do ser bovino? Quem diria que um dia o cão de guarda e companhia, que aquele pitbull que não pode viver sem coleira em sociedade, ou o pobre yorkshare que mal consegue respirar ou viver, apenas para o prazer do seu dono segurá-lo nas mãos não existia, e descende de raças livres.

Mas não. Não somos cães nem gado, o que é a mais um motivo para não sermos tratados nem aceitarmos ser como tais. Felizmente a domesticação humana não se pratica entre seres humanos de raças distintas. Embora os racistas e xenófobos ainda não saibam, não queiram saber e continuem odiando tendo ódio de quem sabe e conta. Como muito já sabiam e provou o geneticista italiano (que

não é uma raça, mas um povo) que morreu recentemente, Cavalli Sforza, o conceito de raças é uma ficção:

(...) Foi uma verdadeira revolução. A genética das populações era capaz de produzir uma “árvore genealógica” da humanidade capaz de contar nossa história. O pai de tentou que seu filho se apaixonasse pela astronomia. Não conseguiu, mas, assim como os astrônomos são capazes de olhar para o passado distante quando observam estrelas e galáxias, hoje os geneticistas podem detectar rastros de acontecimentos remotos dentro de nossos genomas.

E não só isso. Em seu famoso ensaio *Genes, Povos e Línguas* (1996) onde se vale até da demografia, desenha um paralelismo entre as linhas filogenéticas das populações mundiais, a linguística e a arqueologia, para acabar reconhecendo que as três disciplinas contam a mesma história. É um “atlas genético” que fala de homens e mulheres migrantes desde sempre, e que se miscigenam

entre si. Um espinho na garganta para compatriotas dele como o xenófobo ministro Salvini.

Em suas pesquisas e em cerca de 300 artigos científicos, Cavalli Sforza chega a uma conclusão que o obcecava

desde que precisou enfrentar o racismo que levou à expulsão do seu professor e que ele próprio sofreu como italiano no começo da sua carreira nos países anglo-saxões: as “raças” não existem, ou melhor, existem só na cabeça dos racistas. Nos anos em que estava sendo

forjado nos EUA o Projeto Genoma Humano, ele lidera o Projeto Diversidade do Genoma Humano, que foi o que apresentou ao Senado daquele país em 1993: estudando genomas das populações mais remotas da Terra,

conseguiu demonstrar que os seres humanos são bastante homogêneos geneticamente, que “os grupos que formam a população humana não são nitidamente separados; em vez disso, constituem um continuum. As diferenças nos genes dentro dos grupos que têm algumas características físicas visíveis comuns são virtualmente idênticas às

diferenças entre vários grupos, e, além disso, as diferenças entre indivíduos são mais importantes que as observadas entre grupos raciais”, como escreve em Quem Somos? História da Diversidade Humana(1995, lançado em 2002 no Brasil).(…)

Em outro escrito, quando recebeu o prêmio Balzan em 1999, dizia que “embora a população humana possua uma enorme variabilidade genética entre indivíduos, 85% do total da variação ocorre dentro de cada uma das populações, e só 15% as separa. Portanto, não podemos utilizar para a comparação das diferentes populações humanas a mesma medida de distância genética útil para comparar as espécies vivas, para as quais é suficiente um indivíduo de cada espécie”. Em outras palavras, por mais que seja geneticamente e até intuitivamente fácil distinguir as características de duas populações em dois continentes diferentes, não é tão simples fazer isso com dois indivíduos, como pode acontecer com dois cães. Em uma entrevista ao EL PAÍS em 1993, ele foi taxativo:

“Podemos falar de população basca, mas nunca de indivíduos de raça basca. As diferenças genéticas não justificam, nem nesse nem em nenhum outro caso, o conceito de raça, e muito menos o racismo”.

72

Em sua reflexão, adquire muita mais relevância a cultura como motor para justificar as diferenças entre as populações humanas. E à interação entre genética e cultura ele dedica muitos escritos (aqui e aqui, por exemplo) explicando que os poucos anos (evolutivamente falando) que a humanidade teve para evoluir desde quando um pequeno grupo de homínídeos deixou a África não seriam suficientes para a evolução de raças diferentes, excetuando-se pequenas diferenças.

Entretanto, a cultura — que, ao contrário dos genes, pode ser transmitida também horizontalmente entre indivíduos, e não só verticalmente, de pais para filhos — permite explicar muito mais as inovações e as diferenças. A divulgação de suas ideias era muito importante para Cavalli Sforza. É o que contava em outra entrevista ao EL

PAÍS, em 1998: “Com um pouco mais de tempo, definindo o absolutamente necessário e reduzindo o número de termos científicos ao mínimo necessário, é possível explicar a ciência a todos”. Mas não era um iludido.

Também escrevia em *Quem Somos?*: “Pensamos que a ciência é objetiva. A ciência é modelada pela sociedade porque é uma atividade humana produtiva, que exige tempo e dinheiro, pois está guiada e dirigida por essas forças que exercem no mundo o controle sobre o dinheiro e sobre o tempo. As forças sociais e econômicas determinam em grande medida o que a ciência faz e como faz”. -**O geneticista italiano que desmontou o conceito de raça**

O geneticista italiano que desmontou o conceito de raça

“O racismo é um antigo flagelo da humanidade.” Esta frase foi pronunciada pelo geneticista italiano Luigi Luca Cavalli...

brasil.elpais.com

Tudo portanto que o racismo tem para se provar concreto e real é o que as fronteiras geopolíticas imaginárias entre os países tem: gente disposta a matar e morrer para provar que sua visão e divisão abstrata do mundo é tão certa, verdadeira e solida quanto um muro de concreto. Ou seja nada que uma marreta bem real também não resolva, vide o muro de Berlim. Porém essa é justamente a diferença mais concreta entre as leis e ordens dos homens e da natureza. A ciência da lei e ordem natural serve para levantar e derrubar muros com ou sem marretadas, mas marretadas e muros não funcionam para estabelecer lei e ordem naturais , mas apenas manipular o campo de ação e visão dos ignorantes e impotentes cercados por muros com ou sem marretas à mão.

Nada nos impede portanto de ignorar e até mesmo manipular a natureza, assim como nada nos impede de manipular a nossa própria ignorância e conhecimento da natureza, mas não sem pagar o preço. Porque podemos

manipular, adulterar, corromper, e até mesmo destruir a natureza, mas não sua lógica; assim como também podemos falsificar apagar ou simplesmente ignorar os saberes já constituídos ou obstruir suas descobertas, mas não sem consequências sobre nossa capacidade de lidar com a natureza do mundo e do conhecimento, não sem causar danos e destruição sobre ambos universos, o mundo real e a nossa visão dele, a natureza e a inteligência.

Tudo o que Racistas, supremacistas, assim como autoritários e farsantes em geral, enfim todos os fabricantes, pregadores e vendedores de distopias, tem e usam como arma é isso: Mitos, mitomaniacos e suas hordas de fanáticos preconceituosos e fundamentalistas. O que não é pouco. Já que são praticamente imunes a dialogo e razão, ou sofrimento de quem não consideram como absolutamente iguais em espécie, gênero, classe e nível.

Tem baixíssima autoestima e empatia como severos prejuízos ao estabelecimento de laços solidários e relações

pessoais e social sem mediação de líderes e doutrinas. São altamente sugestionáveis por seus ídolos e figuras de autoridade e estão condicionados e acostumados ao uso da violência sistemático e racionalizado da violência ritualizada. Podendo ser se tornar agressivos e violentos sem nenhuma razão ou emoção envolvida, inclusive com (ou simplesmente por ser) estranhos ou até mesmo com os mais próximos e conhecidos que os contrariem ou sejam considerados ofensivos ou uma ameaça às suas doutrinas, costumes, enfim às ordens e comandos estabelecidos e recebidos. Ou seja, pessoas perigosas sozinhas, altamente perigosas em grupo, e perigosíssimas quando armadas ou em posições de desigualdade de autoridade, posse e poder sobretudo diante de pessoas mais inocentes e vulneráveis. Como por exemplo crianças que não sabem o que adultos fazem ou são capazes de fazer, ou mesmo adultos carentes que mesmo sabendo preferem continuar em negação acreditando que o papa é bom e que governos são formados

por gente absolutamente preocupada como papai e mamãe com eles.

77

Viver sob a tutela, custódia, vigilância, governo, ou simplesmente no meio de pessoas assim é uma das mais piores e mais cômodas e perigosas ilusões de paz e liberdade que um ser humano pode alimentar. É como viver numa síndrome de Estocolmo, um sequestrador violento que fomos obrigados a acabar gostando e até defendendo para ver se conseguimos sobreviver. Ele é muito legal, razoável, e até civilizado desde que você concorde com tudo o que ele quer, faça tudo o que ele mande e sobretudo fique onde, com quem e sobretudo seja e se comporte exatamente como ele deseja. Enquanto você não o contrária, mesmo que ele diga que $2+2$ não são 4, ou que você não é gente não como a mesma autoridade, não com a mesma igualdade de poder que ele, tudo ficará na mais santa paz. Mas basta que as coisas saiam do controle, e as coisas incluem você, basta que ele seja meramente

questionado que esse maníaco possessivo compulsivo vai revelar sua verdadeira face, como por sinal já tem acontecido em todos níveis do macro ao micropoder. Do marido ciumento que prefere matar ou mutilar a esposa e até os filhos ao invés de perder o seu pátrio-poder, ao tirano que prefere matar de fome a bomba ou a bala sua própria população, todos esses maníacos patológicos por posse e poder estão dispostos a cometer os piores crimes antes de perder o seu trono, ou o que é a mesma coisa os verem livres. Livres dele.

Dizem que a relação entre senhor e escravo é uma simbiose de interdependência. Isso é outro mito, o escravo pode viver muito bem sem senhores, tão bem quanto o doente sem os vermes, quem não pode viver o hospedeiro é o parasita. É só a ele a quebra da relação de exploração significa a morte, senão dele como pessoa, dele como parasita.

Metade de tudo o supremacista e autoritário também usa e abusa. Mitos e violência. Ou seja tudo que ainda resta a quem interessa a manutenção e propagação do racismo e supremacismo e autoritarismo: a difusão e manutenção de uma realidade absurdo e insustentável; tanto via mitos fantasias e manias pela manipulação e falsificação mitomaniaca do real aos crédulos e vulneráveis a fidelização, quanto sua imposição via força bruta, privação e obstrução tanto da natureza quanto da verdade, enquanto conhecimento tanto da origem quanto sua lógica, aos hereges e infiéis.

Logo seja através da impostura de mitos genealógicos e cosmológicos, seja através da imposição de instituições parasitárias sem a mínima condição socioambiental ou mesmo político-econômica de se sustentar a longo prazo (ao menos não sem a destruição do população ou terra hospedeira), esse supremacistas e seus sistemas vão dominando e consumindo até a extinguir o universo dos

seres, recursos e ambientes que conquistam. E não importa que imposição de realidade seja a construção de uma mentira insustentável e monstruosidade irreparável, o desenho desse sistema não é feito para servir a humanidade, mas sim para colocar tudo e todos a serviço de quem detém a posse da máquina, do monstro feito para servi-lo enquanto viver, e prolongar ao máximo sua subsistência e poder, não importa as consequências. De tal modo que esse sociopata supremacista, uma vez entronado como déspota ilustrado sabe que o pagamento pelos seus erros e crimes é logicamente inevitável, mas não a transferência desses custos e responsabilidade para as próximas gerações de bastardos — que por sinal já nascem devendo e predestinadas para trabalhar para eles, ou melhor para seus herdeiros legítimos porque iguais em sua superioridade cuja falta de fundamentos biológicos científicos que a sustentem, se compensa com preceitos e preconceitos culturais, mitos políticos, econômicos, religiosos e civilizacionais.

A história da humanidade não está (só) impressa nas narrativas míticas de Estados e Religiões, mas gravada na gene biológica e cultural dos povos. Gostaria de dizer que forma indelével, mas nada é indelével e incorruptível, apenas exigem meios e conhecimentos mais complexos para decifrar e reproduzir e adulterar os códigos e consequentemente a memória e programação, seja por métodos mais pesados e invasivos, ou mais sutis e logo perceptíveis e rastreáveis. Muito já se perdeu na própria perda da diversidade cultural e de vidas humanas por vezes de populações inteiros, bem como seus registros. Mas ainda sim, enquanto houver um único ser humano na terra, gravada em sua gene e genes.

Sua história, não seu destino. porque tanto as doutrinas da predestinação, quanto o determinismo científico também não passam disso: mitos, superstições, frutos da mais sincera e honesta ilusão ou negação da realidade ou do mais descarado charlatanismo e demagogia, não importa, o

resultado é o mesmo. O que a investigação da nossas heranças tanto cultural e genéticas comuns e difusas, permitem rastrear nossos padrões de comportamento, para além dos mitos de negação e racionalização dos absurdos. Permite entender exatamente o que fizemos e fazemos e porquê. E a partir disso, nos perguntar se queremos ou não, manter essa trajetória e padrões de comportamento e e concepção de humanidade, civilização, nação e ser humano. Uma escolha acima de tudo, mesmo quando não negamos ou aceitamos os fatos, mas para o bem ou mal trabalhamos com eles.

Por exemplo.

Darwin, já havia demonstrado que em algum lugar do passado temos um ancestral comum com outros primatas. Não descendemos do macaco, mas nós, os primatas, e também outras espécies de homens (extintas como população mas que como ainda sobrevivem no DNA da

nossa espécie), temos uma ancestralidade comum. Sforza foi além. Confirmou que dentro da espécie humana não existe diferenças genéticas significativas, que sustente qualquer conceito de espécies de homens distintos ou raças. Nem a seleção natural nem a sexual produziu incompatibilidade genéticas significativas entre as populações. Como bem sabemos (e muito antes da descoberta do genoma) pessoas de diferentes “raças”, podem reproduzir normalmente, e ter filhos perfeitamente saudáveis, probabilidade que decai significativamente quanto mais próximo for o parentesco entre os genitores. De modo que o velho mandamento moral (e sabedoria popular) de não trepar com pais irmãos ou parentes próximos continua sendo no mínimo digamos eufemisticamente bem mais saudável.

Na verdade, nem mesmo o verdadeiro cruzamento interracial entre os homens primitivos com as “outras raças ou espécimes de seres humanos” produziu nenhum “novo

homem”. Evidente que esse ser humano miscigenado (nós) não era mais absolutamente idêntico aos seus ancestrais.

Mas ninguém o é. Nem mesmo clones ou gêmeos univitelinos, o são. Porque o que genética define no nascimento, o meio ambiente, a história de vida, as mutações epigenética, e sobretudo tão subestimada força de vontade tão importante para o desenvolvimento da inteligência e consciência e personalidade e mentalidade dos indivíduos (e coletivos) é mais do que suficiente para fazer cada pessoa distinta sozinha e comunidades por elas formadas, formas de vida únicas e completamente diferentes, mas ainda sim absolutamente iguais enquanto pessoas humanas e culturas.

Já portanto quanto Darwin, fez a sua demonstração científica da origem biológica comum dos homens e animais, a possibilidade de construir uma visão da relação do homem com a natureza menos agressiva, belicosa e destrutiva estava aberta, já era possível fazer uma

interpretação mais libertária e humana do mundo, compor uma versão científica, da visão são franciscana do mundo onde todos somos criaturas de deus. Cosmológica e não teológica, mas ainda sim, fundada no mesmo princípio de respeito a origem a gênese da vida que todos partilhamos. Só que não. Dê energia nuclear praticamente infinita para a humanidade, e alguns tentarão fazer a luz chegar a todos; outros construirão bombas, e as usarão para ameaçar e matar tantos quanto precisarem para conquistar territórios cuja extensão nem mesmo um César ou Khan jamais sonhou para seus impérios.

Não. As ideias de Darwin não caminharam para essa senda. Mas para a oposta. Não vou nem entrar na questão do quanto o próprio sir Charles Darwin era tão racista quanto seu primo pai do eugenismo Francis Galton, ou mesmo ignorante do seu racismo. Não me interessa, não aqui, entender o que se passava na cabeça de Darwin. O fato é que a seleção do mais apto, rapidamente foi

adulterada, para a do “mais forte”. E rapidamente buscou-se verificar qual “raça” de homem, era mais selvagem, mais próxima do macaco, e qual mais humana, evoluída e civilizada. Ou mesmo quem de fato era um ser humano que merecia o direito humano de viver, e quem poderia ou mesmo para o bem da espécie humana deveria esterilizado ou mesmo exterminado não como se fosse um animal mas um parasita. Rapidamente a ciência foi adulterada e instrumentada ideologicamente a serviço do velho e bom supremacismo, predeterminismo, imperialismo, escravagismo e colonialismo. onde nós a raça dominante e escolhida por deus ou a natureza; onde a a monstruosidade se autojustifica, autoproclama legítima e racionaliza pela própria hegemonia da brutalidade e violência. “Somos nós que temos a força para esmagar a cabeça e pisar no pescoço do outro, logo somos os selecionados os eleitos.” Nós somos a civilização humana, a evolução, o progresso, os outros, são bárbaros, selvagens, mais próximos do macaco que do homem civilizado. O velho racismo e imperialismo,

que com o advento do eugenismo e estado-nacionalismo, atingiu o ápice (até então) do supremacismo no totalitarismo das teratológicas ideologias e regimes nazistas, fascistas e stalinistas. O resultado dessa escalada monstruosa da desumanidade não é preciso descrever.

Porém aqui estamos nós, para provar que o aprendemos com erros não se transmite geneticamente, e as vezes nem culturalmente. E que preconceitos, superstições meramente reprimidos pelo patrulhamento moral e politicamente correto não extinguem o mal, apenas o maqueiam e enraízam ainda mais profundas e enraizadas das subconsciência dos frustrados. Um barril de pólvora de ódios velados e represados que em momentos de crise, de fissura do arcabouço dessa realidade desprovida de consciência, na primeira faísca simplesmente explodem arrebetando as frágeis paredes da hipocrisia que a sustenta. E os mais absurdos discursos de guerra e ódio não só parecem mais concreto e sinceros que os nobres

discursos de paz e amor. Eles são. E no nesse completo vácuo das instituições cenográficas que vão caindo, os velhos preconceitos por trás delas ganham o palco e voltam a se tornar explícitos e se disseminar sem freios na sociedade do espetáculo.

Assim enquanto Sforza usava a genética para demonstrar como os preconceitos não encontram fundamentam nem cabem no código genético, cientistas continuam a seguir a senda da eugenia, buscando encontrar ou enfiar no gene fenômenos que habitam antes de tudo sua cabeça preconceituosa. Não se engane não era só a busca de uma explicação mágica determinista para todos os fenômenos psíquico e sociais complexos que extrapolam o reducionismo biológico, mas mais uma vez a instrumentalização da ciência posta para racionalizar preconceitos e ideologias a serviço de interesses político-econômico. No fundo uma espécie de retorno as origens eugenistas do qual a genética como ciência nunca perdeu

completamente o ranço, salvo trabalhos como o de Sforza que mais do que um desvio genial do padrão da mediocridade, é a exceção que confirma a regra. Ciência desonesta? Não ciência inconsciente. Ciência que ignora a própria mentalidade e cultura da que não derivam os constructos mentais. Mas as superestruturas político-econômicas que governam e direcionam as pesquisas e influenciam não só o fracasso e sucesso das pesquisas e carreiras sem precisar tocar nas teses, laboratórios ou experimentos, não precisam. Já que podem até mesmo obstruir a ciência, a partir do momento que detêm as condições materiais, para predeterminar as possibilidades, ou se preferir, as probabilidades de realização ou obstrução.

E estamos falando do campo da produção de conhecimento científico. Imagine agora o campo da difusão e interpretação tanto desse e outros conhecimentos. Assim, fora a evidente “preferência” por difundir outros estudos

de natureza duvidosa, ou patrocinados interesses mais duvidosos ainda; ou pura e simplesmente a “preferência” por não difundir tais resultados científicos ou simplesmente resultado nenhum; fora tudo isso que não é pouco, e que campo da difusão, também no campo da leitura e interpretações, dentre as mais variados análises e críticas que poderiam ser produzidas dentre as n implicações que poderiam ser deduzidas a partir do trabalho de Sforza, no geral mais uma vez prevalece a mesma mentalidade: A busca por adequação desse trabalho ao velho paradigma. Ainda que de modo algum esse trabalho nele caiba, já que contesta explicitamente não só o racismo, mas em análise mais profunda o próprio base das construção dos velhos modelos de classificações e qualificações dos seres baseados nada mais nada menos que na discriminação preconceitual, derivada não só de uma observações superficiais, mas de aparelhos sensoriais e cognitivos completamente corrompidos e distorcidos por sua visão e pré-juízos preconceituosos.

Se já com trabalho de Darwin havia uma aberto uma senda de lucidez e racionalidade para a noção de gênese comum, e com ela recuperarmos ao menos um pouco do bom senso e respeito perdido pela aspecto sagrado da vida de todos os seres vivos. E se com o trabalho de Sforza essa senda de lucidez e razão ganhou uma dimensão mais profunda, revitalizando o conceito humanidade como fraternidade e irmandade ancestral. Novamente a leitura e a direção tomada foi a inversa. Se o racismo não poderia ser contrabandeado dentro da gene da humanidade, não é claro sem antes demolir completamente o edifício da razão, e substituí-lo mais uma vez pelo fidelização fanática e fundamentalista, então é justamente onde esse processo de fidelização e idolatria se processa e do qual o racismo e supremacismo nunca deixou de fazer parte, incluso nos campos da ciência, que a essa mentalidade de supremacia, hierarquia desde a gene e origens dos homens e civilizações cavaria suas novas trincheiras e faria casamata para sua eterna guerra contra “o outro”.

Se não é na gene biológica a origem da predestinação à desigualdade entre os seres humanos, é então na gene cultural. Sua frente de batalha agora, ao menos nesse primeiro momento da guerra contra outros povos é a da luta a muticulturalismo, ou numa leitura libertária, a contra-reação autoritária para a manutenção do sistema nervoso de todo pensamento totalitário, o culto ao absoluto, supremacia do poder total e todos poderosos como única realidade tolerada e causa do monopólio autoproclamado legítimo da violência.

É o racismo e patriarcalismo disfarçado de nacionalismo e patriotismo, operando nas falhas estruturais do entendimento e conceituação das liberdades de credo culto e expressão. Operando como os juristas fazem com o códigos legais, ou os hackers quando invadem um sistema operacional, Eles não criam falhas, eles exploram as falhas propositalmente instaladas no core do sistema. Falhas que governos e corporações não podem consertar, porque

consertá-las, não é só fechar as brechas que o sistema usa para se alimentar, é alterar as bases da arquitetura onde o sistema está instalado. Para acabar com a vulnerabilidade das sociedade para o vírus do nazi-fascismo é preciso acabar com a vulnerabilidade da sociedade para toda programação ideológica instalada pelo próprio sistema. Mais ingênuo que isso, para não dizer tolo, só mesmo acreditar que o poder político pode acabar com a corrupção do poder político, ou na profecia do messias de espada em punho montado no seu cavalo branco...

Como bem explicita a natureza do mais novo movimento nazista que encontra mais uma vez na Áustria a sua voz, mais explícita e sincera:

As atividades do GI normalmente alvejam eventos que promovem a integração — isso porque ele diz não acreditar em integração, mas sim na assimilação dos imigrantes muçulmanos.

“Assimilação significa que você se identifica completamente com o país, com a nação, com sua história”, ele explica. Caso contrário, “é traição àquela comunidade, que está te dando braços abertos, aceitando você, então, você tem que colocar os interesses dela diante dos seus.”- **Martin Sellner, o austríaco que é o novo rosto da extrema-direita na Europa**

Martin Sellner, o austríaco que é o novo rosto da extrema-direita na Europa

Em abril de 2016, centenas de pessoas estavam na plateia de um teatro na Universidade de Viena, na Áustria, para...

www.bbc.com

Não consigo pensar em nada mais sintomático dessa idiotia generalizada que agora mesmo brasileiro, filho de imigrantes europeus achando que este pensamento está correto. O pensamento com o qual ele sequer existiria como a pessoa que é, ou talvez nem sequer existisse como

pessoa, com seus antepassados mortos ou deportados por insistir em manter seu credo e identidade cultural.

95

Há quem acredite que a guerra e a paz sejam da intolerância e tolerância. Não nem a guerra é meramente fruto só da intolerância as diferenças e diferentes, nem muito menos a paz do saber meramente tolerar as diferenças e diferentes. Não basta tolerar é preciso prover igualdade enquanto humanidade e proteger a sua diversidade cultural, mas as diferenças culturais, proteger não só a liberdade e identidade das diferentes culturas, existente, mas a liberdade e identitária absolutamente livre e pessoal de cada pessoa incluso para fomentar uma nova cultura e sociedade.

De fato só existem duas formas de conviver em grupo, a sustentável e a insustentável.

A insustentável, funciona impondo igualdade pelo extermínio das diferenças e dos portadores de diferenças e diferentes, e é insustentável porque ou termina em guerra de todos contra todos, ou em ultima instancia apenas com um último intolerante na terra, já que ninguém nunca será completa, absoluta e logo jamais suficientemente igual para aplacar seu desejo de totalidade e uniformidade.

A sustentável, não é aquela que tolera todas as diferenças e diferentes, não é sequer uma forma de vida ou de viver, mas justamente o resultado da convivência das diferentes formas de vida e viver capazes não só de deixar as outras em paz, mas de se defenderem mutuamente justamente contra aquelas cuja característica não é outra senão, eliminá-las, por apropriação, absorção ou velho e primitivo extermínio em massa mesmo, seja pelo cerco das armas seja pelo cerco da fome.

Notem que esse vontade de prevalecer e impor sua forma de vida aos demais, não é um mal que assola a mentalidade de único povo ou está presente em uma única cultura, mas praticamente em todos. Porque isso não é cultura enquanto liberdade de comunhão e identificação, mas violência ritualizada como culto e costume. Negação existencial do alheio, como se fosse afirmação da própria existência. Não é a toa que eliminado um inimigo esse cultos imediatamente buscam outro sujeito para obsessar, parasitar e se apropriar do trabalho e cultura, eles não tem substância própria, não tem outra lógica senão a negação e predação, que sendo a base do seu sustento e sustentação da sua forma de vida, se torna automaticamente o discurso totalitário de defesa legítima da preservação enquanto eliminação e prevalência sobre todos os demais.

Por isso que pouco importa se o discurso de discriminação, segregação e em última instância extermínio racial e ou cultural tenham fundamento. Eles não estão perseguindo

verdades, eles estão buscando desculpas e culpados. Eles não estão interessados em entender nada nem ninguém, estão preocupados em racionalizar os atos que cometem ou vão cometer, desumanizar o alheio para não importa a monstruosidade do que fizerem ou deixarem outros fazer para preservar sua condição material atual, poderem sentar nos seus bares, clubes, igrejas, parlamentos, escritórios e jantares familiares com a certeza de que não são animais com medo de ter que compartilhar ou dividir nada, nem o pão, nem a terra, mas cidadãos de bem, justos, honestos civilizados e deter hordas de vândalos e bárbaros. Botar mais água no feijão? Nem fudendo, quem não tem pão que coma brioche bem longe da minha porta.

Não é portanto uma questão de ciência, mas de consciência. A começar de consciência do quanto paradoxalmente fazemos questão de ignorar a ciência e ao mesmo tempo a cultuamos e supersticiosamente a superestimamos como se ela pudesse nos salvar da nossa

vontade de ignorar e não compreender não só a natureza do mundo, mas a natureza diversa dos outros como igual justamente no direito não só de ser como é, mas de usufruir dos meios necessários não só para poder existir, mas coexistir em paz, como direito e dever.

Trabalhos como o de Sforza ao apontar para as essas inconsistências racistas, nos nos livrar desses preconceitos supremacistas de povos eleitos por deus selecionados pela natureza, por sua gene divina ou natural pura e superior, tão ao gosto de políticos, economistas e cientistas e empreendedores que gostam de tratar gente (e bicho) como coisa, cobaia e objeto dos seus estudos e realizações. Mas não fazem só isso. Elas apontam para inconsistências que vão muito além e que não gostamos de encarar com as devidas investigações e críticas que elas suscitam.

Trabalhos como o de Sforza também apontam para o fato que o genocídio mesmo quando sendo evidentemente fraticida não nos incomodamos, ao menos não o suficiente

para nos tirar do estado de negação e comodismo e nos mobilizarmos para colocarmos um ponto final nisto. Mas isso abre toda uma outra questão sobre estados e negação e ausência de capacidade empática que precisa de um artigo só para elas.

O fato é que o mapeamento genético, ajuda a investigar a história da humanidade. E a revelar quem somos e porque fomos. Mas não peça para a descoberta e revelação mesmo a científica assumir o lugar e fazer o trabalho que cabe ao bom senso, o juízo e a consciência. Até porque mesmo quando querendo ele só o pode assim fazê-lo como impostor do entendimento e aprendizado que enseja como pregação e falsificação do próprio conhecimento como doutrinação.

Ademais é importante salientar que recentes descobertas demonstram que não só nosso gene é composta de uma mesma origem, como de diversas espécies de seres humanos. Ou seja pouco importa o quão semelhantes ou

dissemelhantes sejam nossas árvore genealógica origens genéticas ou até mesmo cultural. A pergunta é somos ou não seres humanos capazes de produzir juízos usando nosso próprio juízo e autoridade e razão, ou precisamos ainda seguir juízo de autoridades alheias? O conhecimento é mapa, não a realidade, nem mesmo quando o X aponta com perfeita correção o lugar que queremos ir.

Quando olhamos o mapa genético das populações humanos por um lado podemos celebrar o fato, que nem a seleção natural nem a artificial tiveram tempo suficiente para promover alterações genéticas distintivas. Por outro só temos a lamentar o que isso também implica. Ou seja: se por uma lado, a difusão de relações humanas baseadas em discriminação, segregação e exploração baseadas em preconceitos de raça e classes sociais não produziu geneticamente as distinções que impõe como condição ambiental e cultural; Por outro, também implica justamente nesse triste e monstruosa realidade ancestral

que nós perpetuamos como espécie, e enquanto tal, como humanidade estamos a matar em última instância senão nossos irmãos, mas próximos nossos primos ignorados, as vezes, de forma lenta, desorganizada e até omissa, outras de forma rápida, sistematizada e propositiva — exatamente como defendem as mais radicais teses racistas e supremacistas que não se contentam em pregar seu direito “natural” de superioridade e dominação sobre os “inferiores”, mas o direito “natural” de dispor da sua vida como bem entender, incluindo nisto não só a escravização até a morte, mas o extermínio sumário daqueles que não são considerados úteis e produtivos ou toleráveis à eles.

Logo não há nada para se celebrar. Pois no que concerne a evolução dos crimes contra a humanidade, ou se preferir a evolução criminosa dessa cultura do genocídio humano, o fato de termos todos uma raiz dentro das nossas arvores genealógicas e sermos todos filhos e frutos de um mesmo pai, não só não é capaz de produzir qualquer sentimento de

irmandade na nossa psique prevalente de Caim, como ainda por cima é um agravante que faz de todo homicida um fraticida em maior ou menor grau de parentesco.

103

E se digo todos filhos de um mesmo Pai, e não de uma mesma mãe. Não o faço de forma despropositada e incauta do seu patriarcalismo. Pelo contrário é justamente ao rastro não só cultural, mas sim genético do patriarcado inscrito no código genético das populações humanas. Onde não só os o gene das famílias e povos mais pobres e dominados foram (e continuam) a ser progressivamente extintos em de forma rápida e explícita em períodos de grande perseguição, extermínio, geralmente marcados por guerras, como também de forma lenta e velada, mingando e desaparecendo (assim como sua cultura) em longo períodos de exploração, exclusão e carestia de pax e jugo desse pátrio-poder como domínio e jurisdição territorial.

Processo de extermínio, que portanto, nem sempre se opera sempre se opera de forma imediata e , mas por envolve a apropriação, escravização e reprodução dos caracteres culturais do dominador mas também do biológico. Seja caindo jovem nos campos de batalha, seja morrendo na violência das ruas, o homem desclassificado racial e socialmente vai, o dominado e seu desceite vai desaparecendo. E seja estuprada por hordas de soldados, seja prostituição ou esposada a mulher dominada vai sendo tomada como mero objeto de reprodução da prole do conquistador, seja de bastardos a servir como escravos, súditos ou empregados, seja como herdeiros na falta de outros mais “puros e legítimos”.

Ficção? Não meu irmão, bastardo e ancestral, essa história está inscrita no genoma de diversos povos mundo afora, que tem como ancestral comum não os pais do seus pais, mas os pais dos seus soberanos ancestrais que não nasceram entronados, mas construíram suas dinastias,

pelas armas comuns a todos os criminosos, a espada, pilhagem e estupro. E não só não se refrearam, como fizeram dele a lei e a ordem. E não só no que concerne ao privilégio do monopólio do roubo e pilhagem, mas no que conserve ao do estupro. Praticando-o não só por meio dos mesmos subterfúgios com o qual ainda extraem o trabalho alienado de quem não tem mais sequer o chão e o pão, mas de forma mais primitiva e descarada ainda, seja tomando as escravas quando bem entendiam enquanto sua propriedade legal, ou até mesmo exigindo seu direito a desfrutar a noite de núpcias com a serva recém casada como seu direito de senhor feudal.

O que a propaganda e os mitos de criação dos povos e nações falsificam, agora a investigação histórica tem no DNA mais um subsídio para verificar não só fato já está registrado na historiografia, mas para verificar a extensão dessas práticas, e dimensionar o impacto da cultura

patriarcal da escravização e estupro e genocídio na formação das atuais povos e civilizações humanas.

Logo, considerando, hábitos e costumes das populações humanas e seu impacto da gene e código tanto cultural quanto biológico do próprio homem quanto da natureza como um todo. Podemos dizer que o mito racial é absolutamente teratológico e falso, não é por causa do advento tardio da domesticação na evolução da espécie humana, e sim pelo fato a compulsão sexual, não raro manifesta no desejo e fetiche pela rapinagem e estupro e posse do diferente muitas vezes sobrepujarem o desejo de morte e extermínio de tudo que lhe é estranho a si mesmo. Não só carregamos a prova da história da humanidade na nossa gene e genes composto das mais diferentes etnias humanas. Obviamente não das famílias pobres condenados a morrer, mas bastardo dos landlords e conquistadores que tomaram estupraram e prostituir as mulheres, as vezes como direito legal ao longo da história.

Assim, o elogio a miscigenação entre os povos longe de ser o romântico casamento inter-racial que forma o mito de novos povos, contra o desejo proto-nazistas de segregação e extermínio das raças inferiores e impuras do espaço vitais em favor da prevalência da gene pura e superior dos seus dominadores e exterminadores. É muito mais um elogio ao estupro como arma de guerra e perpetuação da condição da mulher a condição da mulher a mera hospedeira e reprodutora da gene que determina a propriedade hereditária dos seres e a posses dos seres sem pedigree como coisas.

Dois processos distintos de colonização e seleção artificial não só cultural mas genética que implicam num mesmo fim para os sujeitos submetidos extinção por abdução, extermínio, expropriação, apropriação e desintegração da sua gene cultural, biológica, ambiental e livre vocacional.

De modo que o que nosso autor do velho mundo chama de gênese inseparável das comunidades políticas e eclesiásticas progresso da humanidade e civilização como identidade coletiva, foram para o novo mundo o apocalipse de toda a sua diversidade, incluso a cultural, o armagedom ainda em curso das sua identidade coletivas locais, e comunidades políticas e religiosas.

O Estado e Religião, a identidade coletiva de uns, ou melhor do UM, constituída nada mais nada menos, do que da desintegração e antropofagia da identidade do outro.

Matar, foder, devorar, não são práticas que ocorrem necessariamente juntos ou exatamente nessa ordem, como num ritual de um maníaco psicopata, mas estão erótica e teratologicamente presentes e nas camadas mais profundas da mentalidade de um cultura patriarcal e que se reflete no comportamento e relações fetichista e reificante de posse e poder sobre a natureza de todos os

outros seres incluso seus semelhantes os humanos. De modo que quando um político clássico bandido e corrupto e populista cunha a expressão: “estupra, mas não mata”, e “bandido, bom é bandido morto” ele não está dando voz como representante a outra mentalidade senão aquela que reflete a opção estratégica preferencial (e não excludente) que caracteriza a noção de pátrio-poder e especificidade da identidade (coletiva) patriarcal predominante. Sua estratégia evolutiva paripasso aos dos chimpanzés permanece: eliminar os machos, e tomar as fêmeas.

Mesmos regimes que não gozam da fama de tolerância, pacifismo e racismo tão bem velado e dissimulados como os brasileiros, e que junto com seus genocídios cometeram o sincericídio de fazer das suas práticas a sua ordem e propaganda de guerra. Como por exemplo, o “[Sanko Sakusen](#)” a *Política dos Três Tudos*, (Matar tudo, Pilhar tudo, Destruir tudo), uma estratégia de terra arrasada a saber: não abandonaram também a outra estratégia

criando as infames mulheres de conforto. Um exemplo, que não é exclusivo nem pontual. Mas cuja prática generalizada ao longo da história não os relativiza uns aos outros, nem muito menos os normaliza.

110

Pensar nesses episódios como um desvio padrão nas guerras, invasões e ocupações ao longo da história da humanidade e não como o padrão das culturas patriarcais, é no mínimo hipocrisia e desonestidade, procedimento a serviço da replicação desses padrão, tanto o inverso, tentar tomá-lo por normal e natural e não patológico e monstruoso via a banalização da sua generalização.

Assim os mitos de gene cultural e nacional baseados na misogênia consensual são narrativas tão verdadeiras ou digamos críveis quanto os mitos de extinção dos povos por acidente natural durante os períodos de guerra de ocupação imperial e colonial. Curiosa a credulidade, porque quando morre um investigador ou testemunha ou

juiz ou mesmo a vítima que ira depor contra uma mafioso, a suspeita que recaí sobre o acusado se torna absolutamente razoável, mas quando morrem milhares de vítimas e testemunhas da sua história e memória a hipótese de um desastre natural se torna perfeitamente plausível. Seria porque somos parte interessada enquanto os respeitáveis receptadores legais do produto desse latrocínio fraticida?

Se considerarmos ainda a prática recorrente da bestialidade em seu sentido usual de intercurso sexual forçado com outras espécies- embora como todo esse tipo de tarados, como todos os demais, jure que é a relação é consensual ou que ele é que a vítima seduzida, verificamos que a cultura do estupro e assassinato fazem parte de uma mesma mentalidade que caracteriza a gene e identidade dos povos e nações atuais de forma muito mais determinante do que seus mitos e credos históricos ou religiosos que romanceiam sua gênese, como a

compatibilidade e incompatibilidade genética é um fator muito mais determinante tanto a preservação genotípica quanto da diversificação fenotípica do que as estratégias culturais de preservação e prevalência específicas dos diferentes clãs, famílias, sociedades, povos e nações.

Por outro lado a pisque do homem civilizado baseada a repressão e condicionamento dos seus instintos incluso os sexual ou violentos e não formou nenhuma consciência capaz de autogovernar seus comportamentos, ou alterar senão superficialmente sua mentalidade e comportamentos sobretudo como coletividade. De modo que os hábitos e costumes que alteram significativamente a cada geração o desenvolvimento e equilíbrio do seu ego e empatia, não raro de forma fisio, ambiental e sociopatológica felizmente ainda não produziram adulterações nem divisões nas famílias humanas.

De modo que felizmente as práticas de moralidade e imoralidade do homem, seus credos e preconceitos não foram suficientes para modificar substancial nem significamente sua gene, nem mesmos seus hábitos, ritos, costumes ou sistemáticos procedimentos de extermínio antropofágico foram capazes incompatibilizar ou eliminar nem a diversidade nem a integralidade humana, ou mais precisamente a diversidade dos indivíduos e coletividades como pessoas e povos dentro da integralidade da igualdade e universalidade enquanto seres humanos e humanidade.

Longe de ser a herança cultural e moralidade ou a herança genética predeterminadores exclusivos ou predominantes, a capacidade de autodeterminação de cada ser humano e sua coletividade geração após geração ainda prevalece como fator determinante sobre as condições preestabelecidas e hereditárias culturais ou genéticas. Não que a preconcepção códigos culturais de moralidade ou a manipulação de códigos genéticos não sejam capazes

conseguir tal alteração das predisposições fisiológicas do ser humano, mas o fato é que isso avança, não procedeu de forma definitiva nem irreversível. A vocação humana para inteligência e consciência e livre-arbítrio ainda persiste e nasce a revelia das piores condições de privação, repressão, e continua a se desenvolver naturalmente e espontaneamente, mesmo onde falta de estímulo e provisão. Teimando em Sobreviver com o que tem e como pode, logo muitas vezes de forma precária, com o pouco que ainda lhe resta de seus instintos gregários e dignidade mas ainda sim sobrevivendo.

De fato ciência genética não tem prevalência sobre a consciência como determinante na tomada de decisão, nem poderia a vir a tomar esse lugar nem biológica, nem culturalmente, não como fator constituinte nem determinante nem da ética nem muito menos do ethos. Não porque o DNA é formado por diferentes espécies humanas ancestrais, ou porque similaridade por

similaridade de DNA também compartilhamos mais de 98% do genoma de muitos primatas. Mas porque isso é assim como nossos credos e preconceitos irrelevante tanto para o nosso julgamento e respeito a vida e liberdade dos nossos semelhantes em inteligência e consciência quanto de todos seres dotados de sensicência.

Tão perigoso e insano quanto uma pessoa que nega o direito a vida e liberdade, ou a anima em outro ser porque esse é dogma dos seus mandamentos, é o individuo que é numa bela manhã descobre que seu vizinho não é gente, ou os gritos de um animal vivissecado não tem importância por que foi provado cientificamente que um não é gente e outro não sente nada. Quem varia o seu juízo ou renuncia a ter um, em favor do alheio, seja ele da natureza que for é por definição um idiota, e mais idiota ainda se faz isso quando toda a sensibilidade e inteligência empática, todo o seu senso e noção comum, seu instinto de preservação gregária lhe diz o contrário que o outro sente e sofre.

É irrelevante se a origem da vida inteligente, senciente ou consciente é comum, se temos todos uma mesma gene e somos irmãos ou não. Ou mais precisamente a origem e herança são completamente irrelevantes á ciência, consideração e valoração ética e fenomenológica da vida e liberdade. O juízo afirmativo ou negativo que se forma e varia conforme a influência credo ideológico sem o filtro e o crivo do próprio senso e noção que formam a próprio-concepção como fator determinante da formação da convicção, são reprodução e retransmissão de preconceções alheias e não de juízos plenamente espontâneos e conscientes. Não são juízos nem opiniões que refletem o senso nem a noção que a pessoa eventualmente possui, mas justamente a falta de senso e noção para formular seus próprios juízos seja a dar ciência dos fatos ou opiniões. Denota tanto a falta do exercício e desenvolvimento da sua capacidade e potencial de próprio-concepção quanto a contaminação cultural do processo que serve tanto para anular esse potencial e capacidade quanto

emular os interesses e concepções alheias: a alienação. Um processo onde a informação não entra como dado ao processamento da questão, mas já como a resposta pré-fabricada aos questionamentos e argumentos que advogam em favor dessa preconcepção.

Ou seja o processo de formação de opinião pelos formadores de opinião, onde rigorosamente o termo estar ciente não se aplica com propriedade, já que até mesmo o saber científico é transmitido, ao menos aos leigos, não como tal ciência ou aprendizado científico, mas via reprodução e retransmissão de respostas prontas por comportamento cognitivo reflexo e condicionado. De tal modo que uma pessoa que defenda o direito a vida de todo ser humano fundamentado nos argumentos de autoridade, seja eles quais forem, científicos ou religiosos, e não a sua ligação natural como a vida, pode ser convencido pelos mesmo processo ou procedimento do qual derivam suas atuais convicções e fundamentam seus juízos, a alterar

ambos em conformidade com a informação ou ideologia recebida mesmo que ela contrarie sua percepção e cognição.

Em outras palavras tudo absolutamente tudo, não só as mais evidentes e concretos, lógicos experimentados dados científicos, mas até mesmo as mais falsas ou fantasiosas narrativas são igualmente fonte de informação para o processamento e compreensão da realidade, incluso da produção de narrativas míticas ou científicas e matéria prima e fábricas o pensamento e a cabeça dos pensadores. Porém desde que elas sejam tomadas como conclusão ou representação da real, mas como dados, para tal investigação do próprio pensamento e bases para suas conclusões, de tal modo, que reflitam elas credo, opiniões, ou fé e ciência, em todos os estados mentais o ser pensante esteja plenamente consciente da natureza do seus pensamentos, juízos e grau de certeza e incerteza das suas

concepções e correspondência enquanto projeção do real, seja como presente ou futuro.

Assim sendo, o conhecimento da gene biológica ou cultural dos povos não apenas não serve e nem cabe para justificar nenhuma ideia de superioridade racial, ele não está a serviço nem tem nenhuma responsabilidade de trabalhar para desqualificar tais absurdos. Sua responsabilidade é com sua coerência, porque sempre será responsabilidade da nossa consciência examinar, denunciar e corrigir os absurdos venham eles de onde vierem.

Um ser dotado de sensibilidade, inteligência e consciência, não pode renunciar nem muito menos se obrigado a trair nenhuma delas, quanto mais as três que constituem a sua natureza da sua potência, vocação e realidade. E quando digo não pode não quero dizer que não deveria ser feito, estou dizendo que é impossível sem fazê-lo sem matar tais capacidades volitivas, sem matar o ser reduzindo-o a

terminal burro ou laranja mecânica. Sentir, entender e compreender, são capacidades essenciais cuja perda em favor de conhecimentos, mandamentos ou preconceções funcionam tão bem quanto para o juízo quanto uma camisa de força.

Mas o quê o racismo tem a ver com a separação de Estado e Religião? Qual a relação desse exemplo com o tema central, ou pelo menos o fio da meada dessa reflexão?

São exemplos dos juízos e consequente tomadas de decisão que não pertencem a nenhum arcabouço do pensamento, ou campo do saber, nem político-jurídico, nem culto-religioso, nem tão racional-científico, mas sim carece do livre pensamento na plenitude do exercício são e espontâneo da consciência para sua efetivação e realização. Ou seja o livre pensamento fundamentado na próprio-concepção e autodeterminação e não no fundamentalismo da preconceituação e predeterminação.

É essa lucidez que permite efetuar a devida distinção entre política e religião, mas entre política, religião e ciência.

Efetuar o entendimento dos seus pontos em comum não para confundir tudo, mas justamente para compreender e distinguir o que não se deve jamais ser misturado, ou posto sob a tutela de nenhuma concepção ou forma preconcebida nem do credo, saber ou método, nem muito menos das relações e organizações das comunhões e comunidades, mas regido sempre pelo exercício da livre vontade enquanto consciência. Regido portanto pela liberdade de exercício da consciência que como tal toma o conhecimento como fonte e subsidio a sua formação e desenvolvimento do pensamento e não como seu campo delimitado da sua visão de mundo. Toma o credo, o saber e as normas e costumes herdados como base para a construção dos destinos e manifestação da potência como transformação e não como doutrina de predestinação disseminadora da impotência como conformidade e conformismo burro e servil.

Conclusão

Assim, considerando tudo isso que foi posto, podemos finalmente responder agora a pergunta posta lá no começo desta reflexão:

122

Porque as Igrejas apoiam os líderes políticos messiânicos? E o Estado a cultura do messianismo?

E responde-la da forma como os autoritários e autoridades odeiam, e fazem de tudo para evitar e desqualificar... ou seja não com uma resposta pronta dada ou esperada por eles, mas com uma outra pergunta; uma que enseje o questionamento e a formação das próprias conclusões.

Onde, quando e para quem?

Ou mais precisamente porque aqui e não lá? Porque em países ditos desenvolvidos ou se preferir entre potenciais expansionistas e beligerantes, a vida e a liberdade, enfim custa tão caro, e nisto incluso a indenização e reparação

por seus danos e a vida e liberdade nas latrinas do mundo não valem rigorosamente nada?

Traduzindo em fatos e custos:

123

A diocese do Brooklyn, em Nova York, pagará uma indenização recorde de US\$ 27,5 milhões, cerca de R\$ 115 milhões, a quatro meninos abusados sexualmente entre 2003 e 2009 por um professor de religião, com base em um acordo com as vítimas.

Os US\$ 27,5 milhões são US\$ 6,87 milhões para cada uma das vítimas que tinham entre 8 e 12 anos e representam a “mais alta indenização individual” já concedida pela Igreja Católica, disse a AFP um dos advogados, Ben Rubinowitz.

*-Estamos felizes de ver a Igreja finalmente diante da justiça.(...)- **Igreja Católica vai pagar US\$ 27,5 milhões a quatro vítimas de abusos sexuais***

124

Igreja Católica vai pagar US\$ 27,5 milhões a quatro vítimas de abusos sexuais

NOVA YORK – A diocese do Brooklyn, em Nova York, pagará uma indenização recorde de US\$ 27,5 milhões, cerca de R\$ 115...

oglobo.globo.com

O Brasil é um dos 3 países escolhidos pelo papa Francisco para testar um projeto-piloto para dar voz as vítimas de pedofilia por parte do clero (...)

A ideia é que se crie um painel consultivo de vítimas que possam ser ouvidas e, com a experiência delas, possamos levar outras a tomarem a coragem de falar e se abrir□, explicou Santos ao Estadão acrescentando que

apresentarão a proposta de usar a própria Fazenda da Esperança no projeto-piloto.

Em entrevista à ANSA em fevereiro passado, o brasileiro jái havia explicado que seu objetivo seria dar prioridade á experiência das vítimas□ e ensiná-las a percorrer um caminho de reabilitas o por meio do perdão (...)□.-

Vaticano anuncia projeto piloto no Brasil para ouvir vítimas de abusos sexuais

Lá, prende o predador e pune a instituição aliciadora e se indeniza as vítimas. Aqui, o foco é “ensina” a “perdoar” os predadores, e os Predadores?

Um problema exclusivo de religião? Não, um problema político-jurídico assentado na cultura de privilégios corporativos e culto e servilidade a todos poderes e poderosos de qualquer credos, formas ou espécies pessoas e entidades. Ou se preferir de promiscuidade onde convém

e interessa e omissão e leniência absolutamente criminosa onde não.

Monsanto é condenada a pagar mais de R\$ 1 bi a homem com câncer – Home – iG

A Monsanto foi condenada pela Justiça americana a pagar uma indenização no valor de US\$ 289 milhões – o equivalente a...

economia.ig.com.br

Vietnã exige que Monsanto pague indenização pelas vítimas do agente laranja

Le Van nasceu surdo, mentalmente deficiente com pernas que são deformadas, ele anda de cadeira de rodas a maior parte...

epocanegocios.globo.com

Glifosato, a poção milagrosa das grandes colheitas do Brasil

O Brasil, segundo maior produtor mundial de soja e terceiro de milho, está firmemente apegado ao uso de pesticidas , em...

exame.abril.com.br

Não.

127

Credo e politica e ciência e até mesmo o lucro são apenas uma questão subsidiária. Porque ninguém vende nem compra aquilo que não precifica, nem precifica o que não reduz a coisa e mercadoria. Mas somente vende, compra, mata ou sacrifica em holocausto aquilo que coisifica isto é que renuncia em observar e reconhecer como ente para reduzir a objeto da sua vontade como desejo de posse-poder e ideologia que a fantasia.

Não se pratica o genocídio ou assassinato por causa, ou por ordem ou em busca de deus, tiranos ou lucros. Relações de posse, poder e exploração são práticas impossíveis em relação a quem e aquilo que se valoriza mais que o que se idealiza. Assim como é impossível a quem tem um mínimo de amor próprio vender em de livre e espontânea vontade e

em sua consciência uma parte do seu corpo por lucro ou por obediência a qualquer senhor na terra ou além. Ou um pai e mãe vender que ama seus filhos estabelecer uma relação de comércio, exploração, escravidão, doutrinação, fidelização a eles mesmos ou a terceiros. É impossível para uma pessoa que naturalmente (empatia) valorize mais a vida e dignidade de qualquer pessoa mais do que posse, poder, causas ou ganhos de qualquer espécie colocar essas concepções como valores acima desses princípios inatos. Ou mesmo obrigar uma pessoa que sabendo da importância dessa sensibilidade, mesmo não a possuindo mais, decida por consciência e vontade de religião a esses fundamentos e se manter fiel a sua vocação solidária ao invés de deixar se desnaturar e desumanizar até o cruzar as fronteiras da personalidade psicopática.

Política, religião, e até mesmo ciência são nesse sentido apenas máscaras e justificações de nossos desejos e vontades, desculpas para ações e comportamentos que em

ultima instância se não estivermos nos últimos estágios patológicos da perda do governo e autodeterminação sobre a nossa próprias ações ou seja dentro do hospício da insanidade absoluta ou prisão das privações e ameaças inescapáveis ainda nos pertencem como força de vontade mesmo nas mais monstruosas condições e estados de alienação.

A grosso modo não é um questão de preto no branco, mas de grau e seletividade. Somos capazes de ser extremamente humanos e sensíveis com algumas pessoas e seres vivos, e extremamente monstruosos com outros, conforme valoramos e desvaloramos de acordo como nossa empatia e consciência (ou mais precisamente falta delas) sua vida e dignidade em relação a nossos desejos e vontades devidamente racionalizados e justificados por credos e certezas das mais variadas origens, fontes e métodos de produção e difusão. O produto de uma escala de valores mais ou menos universal, e que coloca a vida e dignidade

dos seres dotados de anima, partindo de si mesmo, passando por pelos outros seres humanos até englobar todos os seres e entes e fenômenos da natureza em maior ou menor grau empático de reconhecimento, respeito e valoração do que nossas próprias vontades, desejos fantasias e ideias, projeções e conceitos. Por sinal o tipo de organização entre desejo e realidade que caracteriza a loucura sobretudo a maníaca que em seus estágios mais evidentes de imersão e desconexão com as normas e desejos socialmente aceitas ficam tão evidentes como psicopatia, como por exemplo, alguém resolve envenenar não por dinheiro ou estuprar usando o nome de deus, mas matar e estripar para fazer casacos de pele de gente, ou colar de orelhas e voltar para casa e viver (aparentemente) normalmente.

Logo repito a questão: onde quando e para quem?

Por que vida e liberdade ou numa só palavra dignidade praticamente inexistem para alguns?

Como é possível se comprar e vender a dignidade de alguns seres inclusive humanos por nada?

Política, religião e ciência explicam como mas somente a consciência, enquanto autoquestionamento pode dar a verdadeira resposta. Seja como a ciência da ciência, seja enquanto fé ou saber, seja enquanto força de vontade sobre a vontade, alienada ou própria, somente a consciência pode responder o porquê não eles, mas nós fazemos isso.

Onde? quem? E o mais importante? Para quem? Ou seja: Porquê?

Não só é essencial responder perguntas fazendo perguntas a si mesmo, como é mais absolutamente essencial levantar seus próprios questionamentos, não como mera dúvida,

mas como estado permanente de próprio-concepção e autodeterminação independente de quanta indignidade e privação somos obrigados a suportar ou enfrentar.

132

Porquê? A pergunta essencial que dá sentido a todas as coisas, não pode ser respondida senão por quem faz a pergunta e quando a faz de livre e espontânea vontade. E é tudo que precisa para encontrar uma resposta que se procura, mas não é fácil, livrar das respostas prontas e ilusões e realmente se perguntar Porquê? Até esse “porquê?” antes de ser ou não a questão é um estado de espírito. A alma que antecede e sustenta todo esse fenômeno que nos permite dar significado a nossa própria existência: consciência. Mas pode chamar de liberdade em toda a complexidade da nossa forma orgânica de existência dotada de livre vontade, ou se preferir simplesmente vida.

Olhe para o si mesmo e para outro, e use sua capacidade de se colocar no lugar do outro e então pergunte-se: porquê?

Não é uma questão de religião, política nem mesmo ciência, mas sim fé na liberdade e exercício consciência. Até porque sem a essa capacidade empática e a fé libertária no exercício da consciência jamais teríamos nos tornado quem somos, e se a tivéssemos perdido completamente já estaríamos extintos. Bem, talvez já tenhamos perdido e já estejamos fatalmente perdidos, só ainda não sabemos. Mas eis outra preocupação sem sentido que um pouco de questionamento e reflexão resolvem fácil: mortos e extintos a longo prazo tudo e todos estamos todos estamos desde o dia que nascemos, sabendo ou não, o que fazemos da dignidade de nosso tempo de vida eis a questão, e um fato que pode até ser ignorado e apagado da história e esquecido até pela própria memória, mas não da realidade. Mesmo que fosse possível voltar no tempo, e mudar a história, não se apagariam os fatos, mas criar-se-iam realidades alternativas e paralelas, por uma razão muito simples: não há poder, força, nem saber divino ou mundano, material nem transcendental capaz de eliminar

o fato primordial: a existência. Ela pode se tornar completamente incognoscível, seja pela falta de conhecimento ou possibilidade de conhecer ou mesmo ausência de seres dotados de cognição, ou fenômenos que possam ser chamados de seres, mas a nulidade aos olhos do outro, sua falta de olhos, ou a abismo infinito de espaço-tempo não anula a existência como fato, mesmo depois que o ser não mais está.

Porquê? Eis o exemplo de uma resposta que não se encontra em deduções a partir de axiomas ou dogmas, que não pode ser respondida originalmente nem por inteligências artificiais nem naturais desligadas e apartadas da natureza da vida enquanto encerradas, egregadas e perdidas na representação ideal, imagética e artificial da vida. Mas tão somente pelo procedimento e mentalidade que se estabelece como disposição e estado de espírito diametralmente oposto, o do ethos libertário; no qual a inteligência está empaticamente ligada a percepção da

realidade pelo instinto gregário, e sua noção é produto dessa consciência como forma de vida autônoma dotada da capacidade de viver em estado de livre comunhão e concepção senciente.

135

Um monte de palavras que não fazem o menor sentido, sem vontade de liberdade, empatia e a pergunta ou estado que dá sentido a todas as questões e questionamentos a começar pelos religiosos e políticos. Porquê?